



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
BACHARELADO EM AGROECOLOGIA

Ângela Rossana Costa da Silva

**O manejo da agrobiodiversidade e estratégias de conservação de sementes vegetais na  
Agroecologia**

Recife - PE  
2025

Ângela Rossana Costa da Silva

**O manejo da agrobiodiversidade e estratégias de conservação de sementes vegetais na  
Agroecologia**

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Memorial  
submetido ao curso de Bacharelado em Agroecologia da  
Universidade Federal Rural de Pernambuco como  
requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela  
em Agroecologia

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cláudia de Lima Silva

Recife - PE

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

S586mm Silva , Ângela Rossana Costa da  
O manejo da agrobiodiversidade e estratégias de conservação de sementes vegetais na Agroecologia / Ângela Rossana  
Costa da Silva . - 2025.  
58 f. : il.

Orientadora: Ana Claudia de Lima Silva.  
Inclui referências e apêndice(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, , Recife, 2025.

1. Soberania Alimentar. 2. Autonomia . 3. Redes Sociotécnicas . I. Silva, Ana Claudia de Lima, orient. II. Título

CDD

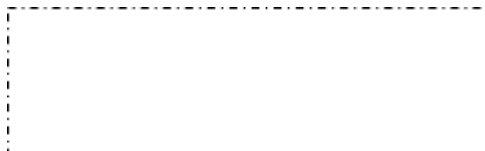
---

Ângela Rossana Costa da Silva

**O manejo da agrobiodiversidade e estratégias de conservação de sementes vegetais na  
Agroecologia**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de bacharela e  
aprovado em sua forma final pelo Curso de Bacharelado em Agroecologia.

Recife/PE, 18 de março de 2025.

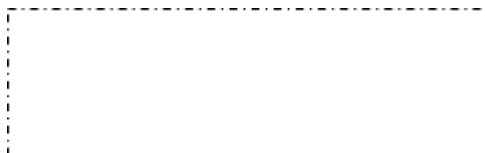


Profª. Dra. Maria Virgínia de Almeida Aguiar

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE/DED

Coordenação do Curso

**Banca examinadora**



Profª. Dra. Ana Cláudia de Lima Silva

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE/DED

Orientadora



Profª. Dra. Maria Zênia Tavares da Silva

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE/DCC



Prof. Dr. Walter Santos Evangelista Júnior

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE-DED



Pedro Henrique de Medeiros Balensifer

Instituto Agrônômico de Pernambuco - IPA-Garanhuns

Recife-PE, 2025

Dedico este memorial à Bruno Mendonça da Silva (*in memoriam*)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela minha existência, por me dar força e permitir que eu chegasse até aqui.

Agradeço ao meu melhor amigo, confidente, companheiro e namorado (*in memoriam*), que sempre esteve ao meu lado, sempre me apoiou em tudo, me incentivou a buscar meus objetivos e me ajudou a chegar até aqui. Serei eternamente grata a você. Essa conquista é minha e é sua também.

Agradeço a minha família, especialmente aos meus pais, pelo amor e cuidado, pelas orações, apoio e compreensão durante esses quatro anos em que não pude estar tão presente.

Agradeço a minha sogra e segunda mãe, pelo carinho, pela força, por ter me incentivado a não desistir e acompanhado todo o meu processo mesmo estando distante.

Agradeço a todos os meus colegas de turma, pela partilha e aprendizado mútuo, especialmente àqueles que estiveram mais próximos tanto no início quanto nesta reta final da minha trajetória no BACEP. Malu Rocha Sampaio, sou grata pelo apoio nas leituras e na escrita, e por me ajudar a permanecer nessa caminhada. Denyse Alves França da Silva Araújo, sou grata pelo carinho, por compartilhar os momentos de escrita dos relatórios e pela amizade que transcendeu o ambiente da universidade. Emily Moraes Nunes, obrigada pela parceria nas atividades das VRCs, pelos momentos criativos de construção das culminâncias e pela amizade que ultrapassou os espaços de vivência do BACEP e da universidade.

Agradeço à minha orientadora, a Professora Dra. Ana Cláudia Lima Silva, pela leveza e alegria nos momentos de aula, por aceitar me orientar neste Memorial e por me aconselhar a não desistir.

Agradeço a todos os professores, que direta ou indiretamente, contribuíram para a minha formação, em especial, à Professora Dra. Maria Zênia Tavares da Silva, por suas palavras de conforto e abraços nos momentos em que mais precisei, além de aceitar fazer parte da minha banca de defesa. Também expresso minha gratidão ao Professor Dr. Walter Santos Evangelista Júnior, por aceitar compor a banca e contribuir com este momento importante da minha trajetória. Também quero agradecer ao Professor Dr. Marcos Antônio Bezerra Figueiredo, por tantos momentos de provocações e reflexões sobre a Agroecologia.

Agradeço também aos meus supervisores de estágio, Pedro Henrique de Medeiros Balensifer e Maria Gabriela Freire Lins, pelo acolhimento e ensinamentos.

Agradeço imensamente a todas as pessoas que abriram as portas de suas casas e receberam a mim, meus colegas e professores, compartilhando suas histórias de vida e de luta, suas experiências e conquistas, e nas trocas de conhecimento, me inspiraram a seguir adiante.

“O HOMEM COMO UM SER INCONCLUSO, CONSCIENTE DA SUA INCONCLUSÃO,  
E SEU PERMANENTE MOVIMENTO DE BUSCA DO *SER MAIS*” (Freire, 2021, p. 101).

## RESUMO

Este memorial apresenta a minha vivência e experiências durante os quatro anos de formação no curso de Bacharelado em Agroecologia, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), que iniciou no ano de 2021 e terminou no ano de 2025. O objetivo deste memorial é relatar a minha trajetória acadêmica por meio de uma análise reflexiva e sistemática dos principais aprendizados, desafios, eixos e temas abordados ao longo dos semestres. A metodologia utilizada baseou-se nas memórias acadêmicas revisitadas a partir do processo vivido, dos materiais produzidos e textos indicados durante o curso, possibilitando a construção de uma narrativa que integrasse os aspectos mais marcantes da formação. Os principais instrumentos utilizados foram os relatórios produzidos, as viagens de imersão, os arquivos audiovisuais, as aulas remotas, os cadernos e os registros das culminâncias. Este memorial é composto por três partes: Na primeira parte, apresento a minha identidade, na qual descrevo de forma sintetizada os momentos da minha vida pessoal, tanto no estado no Rio Grande do Norte, como em Pernambuco, e a trajetória educacional, onde relato o início da minha vida educativa, a realização dos cursos técnicos e a minha entrada na universidade. Na segunda parte, trago a linha do tempo, destacando os desafios, os principais aprendizados, eixos e temas mais relevantes do primeiro ao oitavo período; os estágios supervisionados obrigatórios, realizados no primeiro e oitavo período; e os dois temas de aprofundamento, em diálogo com as experiências vividas e com os diferentes pontos de vista acerca dos temas. Na terceira e última parte, apresento o fechamento da minha trajetória acadêmica, retomando os desafios e os aprendizados, concluindo essa trajetória afirmando que a minha caminhada como agroecóloga e educadora continua no aprendizado, na partilha e na contribuição para a construção de uma sociedade mais justa e sustentável.

**Palavras-chave:** Soberania alimentar; Autonomia; Redes Sociotécnicas

## ABSTRACT

This memorial presents my experience and experiences during the four years of studying in the Bachelor's Degree in Agroecology, at the Federal Rural University of Pernambuco (UFRPE), which began in 2021 and ended in 2025. The objective of this memorial is to report my academic trajectory through a reflective and systematic analysis of the main learnings, challenges, thematic axes and themes addressed throughout the semesters. The methodology used was based on academic memories revisited from the process experienced, the produced materials and texts readed during the course, enabling the construction of a narrative that integrated the most striking aspects of the training. The main instruments used were the reports produced, the immersion fieldtrips, the audiovisual archives, the remote classes, the notes and the records of the culmination processes. This memorial is composed of three parts: In the first part I present my identity, in which I briefly describe the moments of my personal life, both in the state of Rio Grande do Norte and in Pernambuco States, and my educational trajectory, where I recount the beginning of my educational life, the completion of technical courses and my entry into university. In the second part I present the timeline, highlighting the challenges, the main lessons learned, axes and most relevant themes from the first to the eighth semester; the mandatory supervised internships, carried out in the first and eighth semesters; and the two in-depth themes, in dialogue with the experiences lived and with the different points of view on the themes. In the third and final part I present the conclusion of my academic trajectory, resuming the challenges and lessons learned, concluding this trajectory by stating that my journey as an agroecologist and educator continues in learning, sharing experiences, and contributing to the construction of justice and sustainable for the society.

**Keywords:** Food sovereignty; Autonomy; Sociotechnical Networks

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Construção da minha identidade e trajetória educacional.	20
Figura 2 – Túnel de umburanas no agroecossistema do agricultor.	38
Figura 3 – Oficina de colheita e armazenamento de sementes no assentamento Chico Mendes I, em Tracunhaém - PE.	43
Figura 4 – Atividades de estágio (ESO I), em Recife: A) equipe de credenciamento no I Seminário Estadual de Agrobiodiversidade, em Recife-PE; B) levantamento das variedades de sementes na I Feira Estadual de Troca de Sementes Crioulas do evento.	57
Figura 5 – Atividades de estágio (ESO II), em Garanhuns: C) seleção de sementes de milho; D) peneiramento e armazenamento de sementes de feijão; E) participação como monitora na Feira de Trocas de Sementes da Rede; F) visita aos produtores de feijão da Associação Quintal Verde; G) visita aos produtores de feijão do Sítio Riacho, município São João - PE.	57
Figura 6 – Croqui do corredor agroecológico implantado no Sítio Girassol, assentamento Nova Canaã, em Tracunhaém - PE.	58
Figura 7 – Apresentação das culminâncias, na UFRPE: I) terceiro período; J) quinto período; L) sexto período; M) sétimo período; N) oitavo período.	58
Figura 8 – Experiências das imersões do 3º ao 8º período: N) diálogo com o agricultor em sua residência; O) o grupo reunido no túnel de umburanas no agroecossistema do agricultor, Triunfo-PE; P) prática de silagem no agroecossistema do colega de turma, Glória do Goitá-PE; Q) reunião de planejamento para implantação do SAF, Surubim-PE; R) prática de implantação do SAF, Vertente do Lério-PE; S) Seminário Nacional de Sementes Crioulas do MCP, UFPE; T) visita à uma das experiências da imersão na Região Metropolitana do Recife-Igarassu-PE; U) uso de metodologia participativa no quilombo Riacho de Pedra, Passira-PE.	59

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADUFERPE	Associação dos Docentes da Universidade Federal Rural de Pernambuco
APA	Área de Proteção Ambiental
ASSIM	Associação dos Produtores Agroecológicos e Moradores das Comunidades do Imbé, Marreco e Sítios Vizinhos
AGROFLOR	Associação de Agricultoras e Agricultores Agroecológicos de Bom Jardim
ATER	Assistência Técnica e Extensão Rural
BACEP	Bacharelado em Agroecologia, Campesinato e Educação Popular
CODAI	Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas
DCD	Departamento de Ciências Domésticas
DRP	Diagnóstico Rural Participativo
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ESO	Estágio Supervisionado Obrigatório
FADURPE	Fundação Apolônio Salles de Desenvolvimento Educacional
FOFA	Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças
FENEAF	Feira de Negócios da Agricultura Familiar
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFPE	Instituto Federal de Pernambuco
IFPB	Instituto Federal da Paraíba
IPA	Instituto Agrônomo de Pernambuco
MCP	Movimento Camponês Popular
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
PPC	Projeto Pedagógico do Curso
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
RAC	Reúso de Águas Cinzas
PET	Programa de Educação Tutorial
Rede SEMEAM	Rede de Sementes Crioulas do Agreste Meridional de Pernambuco
SERTA	Serviço de Tecnologia Alternativa
SAF	Sistema Agroflorestal
SENASEC	Seminário Nacional da Agrobiodiversidade e Sementes Crioulas
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UAST	Universidade Acadêmica de Serra Talhada
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
VU	Vivência Universidade
VRC	Vivência Realidade Campo

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
2	RETOMANDO ÀS RAÍZES	14
2.1	Entre idas e vindas	14
2.2	Trajectoria educacional	17
3	O ENCONTRO COM O BACHARELADO EM AGROECOLOGIA, CAMPEINATO E EDUCAÇÃO POPULAR (BACEP)	19
<b>2</b>	<b>DESENVOLVIMENTO</b>	<b>21</b>
2.1	LINHA DO TEMPO: PERCORRENDO CAMINHOS, DESCONSTRUINDO MODELOS, TECENDO FIOS E DESAFIOS	21
2.1.1	Desafios estruturais para realização do curso e diálogo com a realidade (1º e 2º período)	22
2.1.2	A chegada ao presencial e as imersões como fator gerador do meu conhecimento dentro da Agroecologia (3º, 4º, 5º, 6º, 7º e 8º períodos)	27
2.1.2.1	A experiência da imersão determinante para a minha caminhada na Agroecologia: O reflorestamento de área degradada na comunidade Enjeitado, em Triunfo-PE	28
2.2	ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO (ESO I e ESO II)	41
2.3	O CAMINHO TRANSPASSADO PELAS EXPERIÊNCIAS	43
2.3.1	Manejo e conservação da agrobiodiversidade	43
2.3.2	Sementes vegetais e processos de conservação	47
<b>3</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>52</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>54</b>
	<b>APÊNDICE A – FOTOGRAFIAS</b>	<b>57</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este memorial apresenta a minha vivência e experiências durante os quatro anos de formação no curso de Bacharelado em Agroecologia, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Com o ciclo iniciado no ano de 2021 e concluído em 2025, o objetivo deste memorial é relatar a trajetória acadêmica por meio de uma análise reflexiva e sistemática dos principais aprendizados, desafios, eixos e temas abordados ao longo dos semestres.

A metodologia utilizada baseou-se nas memórias acadêmicas revisitadas a partir do processo vivido, dos materiais produzidos e textos indicados durante o curso, possibilitando a construção de uma narrativa que integrasse os aspectos mais marcantes da formação. Os principais instrumentos utilizados foram os relatórios produzidos, principal instrumento de avaliação utilizado e desenvolvido durante as “Vivências Realidade Campo” (VRCs), a partir das atividades realizadas no etnoagroecossistema; as viagens de imersão, que consistiram em atividades realizadas a cada semestre em territórios específicos; os arquivos audiovisuais, gerados a partir das vivências e das aulas remotas (*classroom*); os cadernos, tanto de campo quanto os usados em sala de aula durante as “Vivências Universidade” (VUs), e os registros das culminâncias, que correspondiam as apresentações sintetizadas dos conhecimentos construídos dos períodos, realizadas de maneira lúdica e artística, marcando o encerramento de cada semestre.

Além disso, este memorial destaca também a realização dos estágios supervisionados obrigatórios (ESO I e ESO II), desenvolvidos no sétimo e oitavo períodos, bem como as pesquisas e leituras realizadas nas VUs e VRCs. Esses momentos foram importantes para a consolidação dos conhecimentos relacionados aos temas escolhidos para o aprofundamento.

Não posso deixar de citar também os trabalhos de conclusão (memoriais) dos colegas da primeira turma formada, que me trouxeram inspiração e contribuíram de maneira significativa para a construção deste memorial.

Portanto, este memorial está estruturado em três partes. A primeira é a minha autobiografia, na qual apresento, de forma sintetizada, minha identidade, trajetória pessoal e educacional, e o encontro com o Bacharelado em Agroecologia. A segunda parte consiste em uma linha do tempo, na qual exponho os desafios, os principais aprendizados e os eixos e temas mais relevantes abordados entre o primeiro e o oitavo período. Na última parte, destaco os dois temas escolhidos para o aprofundamento: o manejo e conservação da agrobiodiversidade e sementes vegetais e processos de conservação.

## 2 RETOMANDO ÀS RAÍZES

Este tópico está dividido em três partes. Na primeira parte, apresento de onde vim e onde me encontro atualmente. Na segunda parte, foco na minha trajetória enquanto estudante. Por último e terceira parte, compartilho o meu encontro com o Bacharelado em Agroecologia.

### 2.1 Entre idas e vindas

Me chamo Ângela Rossana Costa da Silva, nasci numa comunidade chamada Lajinha de Baixo, situada em Várzea, cidade com pouco mais de cinco mil habitantes, segundo último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022) e está localizada no Agreste Potiguar do Estado do Rio Grande do Norte. Sou neta dos agricultores Rosa Maria da Conceição e Manoel Maurício da Costa (avós maternos) e de Severina Miguel da Silva e Severino Abílio da Silva (avós paternos). Sou filha de Maria do Rosário Maurício da Costa, natural do Rio Grande do Norte e de José Severino da Silva, natural de Pernambuco. Quando meus pais se conheceram, minha mãe já tinha dois filhos, e meu pai tinha uma filha. Eles iniciaram a vida em Pernambuco, onde tiveram o primeiro filho juntos.

Quando minha mãe engravidou de mim, eles foram para o Rio Grande do Norte. Nasci em 1982, no sítio dos meus avós maternos, e tive o privilégio de vir ao mundo através das mãos da minha avó Rosa, com ajuda do meu avô Manoel e de minha tia Socorro. Minha avó era parteira, e além do meu parto, também fez o parto de um dos meus irmãos e de alguns primos meus. Segundo minha mãe, convivi por um tempo com meu avô materno, mas não tenho lembranças dele, pois ele faleceu quando eu tinha três anos. Também não conheci minha avó paterna, pois eu ainda não tinha nascido quando ela faleceu.

Após o meu nascimento, permanecemos um tempo no Rio Grande do Norte, depois voltamos para morar em Pernambuco, onde passamos mais ou menos um ano, período em que meu irmão mais novo nasceu. Voltamos para o Rio Grande do Norte em 1987, onde ficamos até 1989. Nesses dois anos, meu pai trabalhou na usina Agicam, no município de Mataraca-PB, na função de cabo de campo<sup>1</sup>. Após esse período, retornamos novamente para Pernambuco, onde estamos até hoje. Apesar de ter vindo morar em Pernambuco ainda criança e de ter vivido muito mais tempo aqui do que no Rio Grande do Norte, as lembranças ainda são muito presentes e a ligação com minha avó materna sempre foi mais forte do que com meu avô paterno, que era daqui.

---

<sup>1</sup>Cabo de campo é o responsável por medir os serviços produzidos pelos trabalhadores de campo que trabalham no corte da cana-de-açúcar.

Do Sítio guardo lembranças que têm nome, toque, sons, cheiro e sabor. Foi lá que meus avós constituíram sua família e história. Foi naquela terra que nasceram e se criaram minhas tias, tios, primos e primas, e é lá que ainda vive uma parte dessa história (meus primos). Lembro-me da casinha de taipa dos meus avós, que ao anoitecer era iluminada pela luz do candeeiro.

Lembro-me do terreiro varrido com vassoura de mato, onde nos reunimos à noite sob a luz da lua para ouvir as histórias mal assombradas contadas por minha avó. Lembro-me do roçado em volta da casa, com feijão, milho e fava, e a plantação de algodão em outro espaço, que uma vez ajudei a colher.

Também recordo, na época da colheita, minha avó, minhas tias, minha mãe, algumas primas e eu no roçado colhendo feijão. Eu comia as vagens novinhas escondida da minha avó. Tenho lembranças da sala cheia de sacos com vagens secas de feijão para debulhar.

Tenho lembranças da minha avó sentada à máquina de costura próxima à janela, fazendo a bainha de uma roupa, ou costurando o que viria a ser o corpo de uma das bonecas de pano que ela fazia, tão desejadas por mim.

Lembranças de vê-la sentada sobre o pilão de madeira quebrando os grãos de café, exalando o cheiro pela casa, ou em outro momento, fazendo as panelas de barro, depois espalhando-as no “oitão” de casa para secar e levá-las ao fogão de lenha para fazer a cura. Depois de prontas, minha avó preparava o feijão, misturava com farinha de mandioca, fazia bolos à mão e entregava para cada neto.

Também me lembro do cercado, onde ficavam pastando os animais, como gado, cabras e ovelhas. Lembro-me dos pés de algaroba, que traziam sombra e alimento para os animais. Recordo-me do terreiro cheio de galinhas, guinés e perus, com seus sons estridentes, e minha avó gritando “sua anja, não arranque as penas dos perus, senão vai me apanhar”. Em períodos que antecediam o Natal, ela sempre separava um peru e algumas galinhas para a ceia.

Essas são somente algumas lembranças, em meio a tantas outras, e eu não poderia deixar de expressá-las, pois elas são muito marcantes para mim. São uma pequena, e ao mesmo tempo grande parte da minha vida, e que bom que estou tendo a oportunidade de contá-las, pois nossas memórias, se não registradas, correm o risco de apagarem-se com o tempo. Foram dois longos anos, porque parece que quando crianças, os anos passam mais devagar e aproveitamos cada momento e brincadeiras com mais intensidade.

Ao lado do sítio havia um caminho que dava acesso a outra comunidade. O acesso era fechado por uma porteira de madeira. Eu passava boa parte do dia junto com meus primos abrindo a porteira para os carros em troca de algum dinheiro. Era divertido ficar nessa função,

mas vez ou outra surgia um desentendimento entre os primos porque todos queriam ganhar dinheiro.

O que sei sobre a cidade de Várzea daquele tempo, ouvi dos meus pais. Sei que a vida não era fácil para eles, acredito que também não era fácil para muitos que moravam ali. As pessoas não tinham luz elétrica, água encanada, muito menos saneamento básico e precisavam trabalhar nas usinas cortando cana-de-açúcar, ou trabalhar nas fazendas de gado, ou nas lavouras para garantir o sustento da família.

A cana-de-açúcar era e ainda é uma realidade presente na vida de muitas famílias na história do Brasil, e na minha família não foi diferente. Naquela época eu era muito jovem, mas lembro-me que meu pai passava dias fora de casa trabalhando na usina, e só voltava para casa no final de semana.

Desde que viemos para Pernambuco sempre moramos em Aldeia, região que faz parte do município de Camaragibe e que está situada na região metropolitana do Recife. Moramos em diferentes locais ao longo dos anos. Entre 1990 e 1994, vivemos em um condomínio chamado Rancho Salvador, onde meu pai trabalhava como caseiro. Nessa época, minha mãe trabalhava como faxineira nas casas dos sócios do condomínio para complementar a renda da casa. Embora eu fosse criança, entendia as dificuldades que enfrentávamos. O salário do meu pai era insuficiente para sustentar nossa família de sete pessoas, e frequentemente ele recebia o pagamento com atraso, muitas vezes só no mês seguinte. Nessas ocasiões, o que nos sustentava era a natureza que nos oferecia.

O Rancho era um verdadeiro refúgio natural com muitos riachos atravessados por pontes, e eu costumava pescar ao lado do pai e dos meus irmãos. Era uma satisfação sentir o anzol sendo puxado pelo peixe, pois sabíamos que íamos comer peixe. A paisagem era rica em árvores frutíferas, especialmente a jaqueira, que, em diversas ocasiões, seu fruto foi nosso alimento no café da manhã. Foram quatro anos bem difíceis, mas também tivemos bons momentos. Para mim, enquanto criança, o Rancho era um paraíso grandioso, tanto em biodiversidade quanto em mistério, onde eu buscava me conectar com a natureza, adentrando a mata em busca desses mistérios, algo muito característico meu. Minha mãe costumava contar histórias sobre comadre Fulozinha, despertando minha curiosidade, e nessas caminhadas, eu buscava também encontrá-la.

Em 1994 deixamos o Rancho e fomos morar numa casa cedida por minha tia. Naquela época, meu pai conseguiu trabalho na Prefeitura de Camaragibe como fiscal de obras, o que trouxe certa estabilidade para a nossa família. Em 1995, ele recebeu uma proposta para voltar

a trabalhar como caseiro, desta vez em uma chácara. Ele aceitou o convite, e nos mudamos para o local onde permanecemos por 23 anos.

Assim como o Rancho, a chácara também era um lugar onde a paisagem natural se destacava. Havia uma extensa área de vegetação que cercava a propriedade, e era comum a presença da fauna. O proprietário criava animais como bois, cavalos e galinhas. No entanto, alguns anos depois, ele decidiu vender os animais e transformar a propriedade em um condomínio, dividindo-a em lotes, algo que já era comum na região de Aldeia naquela época, e que hoje ocorre com mais frequência.

A rotina na chácara era intensa, e, desde cedo, eu e meus irmãos participamos das tarefas. Acordávamos às 5h da manhã para limpar as cocheiras e ajudar nosso pai no trabalho diário. O transporte do capim até a forrageira e, depois, até os cochos dos animais (cavalos e bois) com o carro de mão, fazia parte do esforço conjunto que mantinha tudo funcionando.

Essas atividades me ensinaram desde cedo o valor do trabalho coletivo e da responsabilidade de ajudar meu pai. O trabalho era menos pesado e mais prazeroso porque era realizado de maneira mútua. As idas e vindas entre Rio Grande do Norte e Pernambuco faziam parte da busca por melhores condições de vida, uma realidade comum a muitas famílias brasileiras. Meu pai, naquele tempo, era mais um Severino, como o Severino, personagem retratado no poema “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto (1954-1955), que deixa o sertão nordestino em busca de oportunidades. Quando o trabalho se tornava escasso, ele seguia com a família para tentar a vida no Rio Grande do Norte.

## **2.2 Trajetória educacional**

Minha trajetória escolar começou tarde, aos 12 anos. Eu era a mais velha da turma da 1º série do ensino fundamental. Para mim foi muito difícil estar numa turma onde só tinham crianças. O tempo todo eu me sentia envergonhada e “burra”. Então, aprender a ler naquele contexto, foi algo libertador e fez com que me sentisse mais confiante diante da turma que era mais jovem. Lembro-me como se fosse hoje, o dia em que mostrei para meus pais que já sabia ler. Li, bastante emocionada em um calendário na parede da cozinha da minha casa, a palavra Maizena.

Para compensar o tempo perdido, precisei fazer dois supletivos, que permitiram acelerar minha educação: completei a 5º e a 6º séries em um ano, e no ano seguinte, finalizei a 7º e a 8º séries. Foi um período desafiador, que demandou dedicação, mas também de superação e de crescimento.

Em 2001, próximo a concluir o ensino fundamental, participei de uma seleção para um curso de capacitação. Fui selecionada após a entrevista, e o curso teve duração de 6 meses. Recebíamos um valor simbólico para custear alguma necessidade que surgisse ao longo do curso, sobretudo, um incentivo à permanência até a sua conclusão. Era um Projeto de Capacitação em Hotelaria oferecido pela Fundação Apolônio Salles de Desenvolvimento Educacional (FADURPE/DCD/UFRPE), ministrado por professores e estagiários do curso de Bacharelado em Economia Doméstica da UFRPE. Naquela época tive o primeiro contato com a universidade, durante uma visita da turma à Instituição. Naquele período, nem passava pela minha cabeça estudar na UFRPE um dia.

Casei-me em 2003, aos 20 anos, quando ainda estava no ensino médio. Após 10 anos de casamento me divorciei, e voltei aos estudos em 2014, iniciando o meu primeiro curso técnico, que foi de Telecomunicações, oferecido pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC). O curso teve duração de um ano e meio. Naquele período, conciliava o curso técnico com um curso preparatório para concursos.

No final de 2014, fui selecionada para o curso técnico em Saneamento Ambiental no Instituto Federal de Pernambuco (IFPE-Campus Recife). Iniciei o curso em 2015.1, enquanto finalizava o curso de Telecomunicações. Embora a formação tivesse duração de dois anos, permaneci por mais tempo, pois no terceiro período, me interessei pela disciplina de Geoprocessamento, que achava bastante difícil, mas decidi me desafiar a participar como monitora. Após ser aprovada no processo seletivo, atuei na monitoria por dois anos, inicialmente como voluntária, depois como bolsista. Na monitoria pude colocar em prática o que já sabia, mas sobretudo, pude aprender muito mais trocando experiências e compartilhando desse saber. Durante minha trajetória no IFPE, tive a oportunidade de participar de diversas atividades, como palestras, oficinas, minicursos, além de contribuir como ministrante do minicurso “Introdução ao Software QField” na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia do Instituto.

Em março de 2020, pouco antes da pandemia da COVID-19, iniciei junto com a professora da disciplina de Geoprocessamento e que também foi minha orientadora do estágio no IFPE, e com uma aluna de uma das turmas onde eu era monitora, um projeto chamado “Meninas nas Ciências”, que tinha como objetivo incentivar meninas de escola pública a ingressarem na universidade em cursos da área de exatas a partir do uso das ferramentas de Geoprocessamento, como o software Qgis, por exemplo.

O projeto seria realizado numa escola do bairro da Várzea, em Recife, mas infelizmente foi interrompido devido a chegada da COVID-19 no Estado. Antes de entrar no

IFPE, eu já havia tentado, algumas vezes, ingressar na universidade a partir do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Eu queria cursar Psicologia, mas minha nota nunca foi compatível com a nota de corte do curso.

Ao me interessar por Geoprocessamento, e com o incentivo da minha orientadora de estágio, que sempre me estimulou a seguir os caminhos das ciências exatas, resolvi participar de uma seleção para cursar Tecnólogo em Geoprocessamento, no Instituto Federal da Paraíba (IFPB), único estado mais próximo a oferecer este curso. Porém, não tive êxito. Sendo assim, tentei a seleção para o curso de Licenciatura em Geografia, no IFPE, Campus Jaboatão dos Guararapes, mas também sem sucesso. Diante das tentativas malsucedidas, recebi do meu namorado na época, o link para a inscrição no curso técnico em Meio Ambiente, oferecido pelo Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas (CODAI-UFRPE), e resolvi tentar. A seleção se deu por meio de sorteio eletrônico, e quando vi o resultado, nem acreditei que tinha conseguido.

Durante o tempo em que buscava ingressar na universidade, aproveitei o momento para ampliar meus conhecimentos. Realizei diversos cursos online e participei de palestras e lives relacionados aos meus dois últimos cursos técnicos. Foi um período em que busquei transformar desafios em oportunidades.

Ainda nesse contexto de isolamento social decorrente da pandemia, surgiu uma chance marcante: recebi do meu namorado na época, o link de inscrição para o Seminário de Agroecologia e Educação do Campo, promovido pelo IFPE. Apesar do caos e das dificuldades do período, o isolamento me permitiu aproveitar o tempo de maneira mais produtiva, dedicando-me ao aprendizado e ao crescimento pessoal.

O tema central do seminário foi “Diálogos entre Agroecologia e Educação do Campo: Caminhos para o Combate da Pandemia”, destacando os desafios e avanços da Licenciatura em Educação do Campo no contexto do atual governo na época, mas também tratou assuntos como reforma agrária, Agroecologia, sementes e soberania alimentar, temas que posteriormente ouviria com mais frequência no Bacharelado em Agroecologia.

### 3 O ENCONTRO COM O BACHARELADO EM AGROECOLOGIA, CAMPESINATO E EDUCAÇÃO POPULAR (BACEP)

Até assistir ao Seminário do IFPE, eu nunca tinha ouvido falar em Agroecologia. Pouco tempo depois, recebi, através do meu namorado na época, o link de inscrição para o curso de Bacharelado em Agroecologia, Campesinato e Educação Popular da UFRPE. Decidi me inscrever com entusiasmo. No entanto, quando a lista dos selecionados foi divulgada, meu

nome não constava entre os indicados. Inesperadamente, em 25 de agosto de 2021, recebi o email da coordenação do curso com o seguinte convite:

“Prezadas e prezados,

Vocês estão recebendo este email porque se inscreveram no processo seletivo para o curso presencial em Agroecologia.

Devido a pandemia, a entrega de documentos teve que ser online e sabemos que isso trouxe muitos desafios.

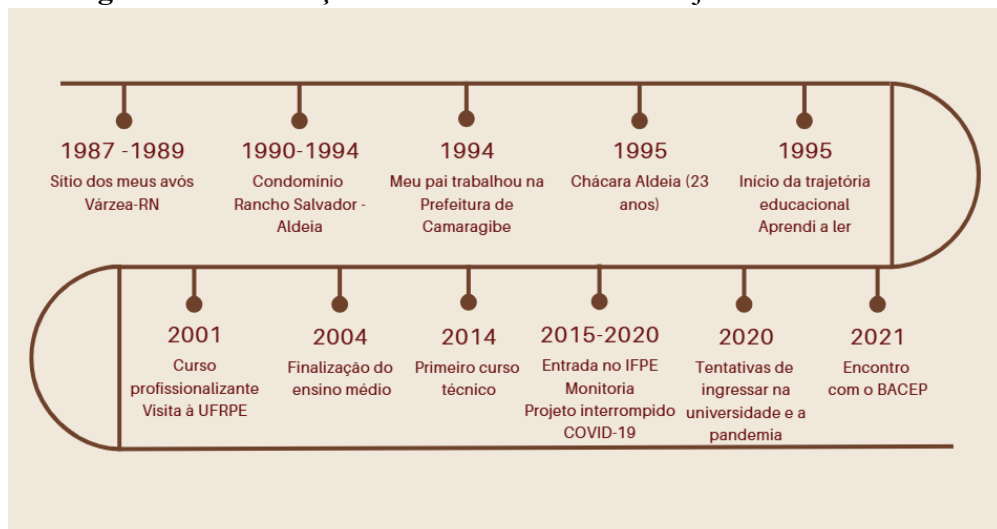
Fechamos o edital hoje mas ainda temos vagas em aberto. Com isso, estamos entrando em contato para dizer que aqueles que tiverem interesse em fazer o curso presencial de graduação em Agroecologia da UFRPE respondam este email com seu contato para combinarmos como proceder.

Atenciosamente,

Coordenação do curso de Agroecologia, 2021”

Ao ler essa mensagem, fiquei imensamente contente, pois finalmente havia conseguido uma oportunidade de ingressar no ensino superior, algo que já vinha tentando há um tempo. Sem hesitar, respondi ao email imediatamente, fornecendo os dados solicitados. Esse momento marcou o início de um novo ciclo na minha vida. A seguir, apresento de forma resumida os períodos descritos acima (Figura 1).

**Figura 1** – Construção da minha identidade e trajetória educacional.



Fonte: Autoria própria (2025).

## 2 DESENVOLVIMENTO

Conforme o Projeto Pedagógico do Curso (PPC, 2023), o Bacharelado em Agroecologia tem como elo integrador: Conhecer e transformar o etnoagroecossistema, nas dimensões ecológica-produtiva, ética, educativa, socioeconômica, política, cultural e artística, e está estruturado em quatro eixos: **1)** Conhecer o Etnoagroecossistema a partir das relações entre Agroecologia, Campesinato e Educação Popular, no primeiro e segundo período; **2)** Planejar e Agir na Transformação do Etnoagroecossistema, no terceiro e quarto período; **3)** Agir no Etnoagroecossistema a partir da Agroecologia, Campesinato e Educação Popular, no quinto e sexto período; **4)** Avaliar, Analisar e Sistematizar a Ação no Etnoagroecossistema, no sétimo e oitavo período. Este formato de organização, foi vivenciado durante os quatro anos em tempo integral e em regime de alternância, possibilitando um diálogo entre teoria e prática durante as vivências.

Cada semestre é composto por um eixo orientador acompanhado, por um conjunto de temáticas, “Vivências Universidade”<sup>2</sup>, formação de grupos de autogestão, “Vivências Realidade Campo”<sup>3</sup>, uma viagem de imersão em território específico e a culminância, que corresponde às apresentações sintetizadas, realizadas de maneira lúdica e artística, marcando o encerramento de cada semestre. Dessa maneira, baseado no que está inserido em cada semestre, para construir a minha caminhada no BACEP, dividi meu texto em quatro partes. Na primeira parte, apresento o percurso realizado remotamente, no qual aponto os conteúdos mais marcantes do 1º e 2º períodos. Na segunda parte, destaco os momentos mais significativos entre o 3º e 5º período, incluindo as imersões, dentre elas, a mais marcante, que descrevo com mais detalhes uma de suas experiências. Para abordar outros temas trabalhados durante o curso, trago as imersões para esse ponto de partida, dentro do 6º, 7º e 8º períodos, em cada uma delas, friso os principais temas que foram marcando minha lente ao olhar para aquela realidade e para o semestre. Em seguida, incluo as experiências do ESO e, por fim, os dois temas escolhidos para aprofundamento.

### 2.1 LINHA DO TEMPO: PERCORRENDO CAMINHOS, DESCONSTRUINDO MODELOS, TECENDO FIOS E DESAFIOS

---

<sup>2</sup>As “Vivências Universidade” correspondem ao tempo universidade, onde são vivenciados os processos de ensino-aprendizagem para além dos espaços da sala de aula.

<sup>3</sup>As “Vivências Realidade Campo” reproduzem os aprendizados construídos no tempo universidade em um etnoagroecossistema próprio ou adotado pelo estudante, onde são desenvolvidas um conjunto de atividades orientadas pelo coletivo docente.

### **2.1.1 Desafios estruturais para realização do curso e diálogo com a realidade (1º e 2º período)**

O início das aulas, em agosto de 2021, foi marcado por desafios significativos. Em meio à pandemia da COVID-19, o isolamento social impediu que as aulas acontecessem de forma presencial, forçando a nossa adaptação ao ensino remoto. A rotina era intensa, com aulas das 8h às 12h e das 14h às 18h, tempo este, muitas vezes estendido, a fim de atender o cronograma do semestre. Sem um computador, eu dependia exclusivamente do celular para assistir às aulas, pesquisar conteúdos e elaborar relatórios, o que tornava a experiência ainda mais exaustiva.

Além das limitações tecnológicas, enfrentei o impacto emocional e intelectual de iniciar minha primeira graduação. Havia naquele início de ciclo, o medo do desconhecido, a dificuldade de adaptação às leituras acadêmicas e à escrita, e o constante desafio de superar minha timidez, dificultando assim, o meu processo de aprendizado. O Bacharelado em Agroecologia, por sua abordagem única, contrastava com as experiências anteriores nos cursos técnicos que frequentei, onde o foco era a transmissão de conceitos pré-definidos e o uso de tecnologias específicas.

No BACEP, fui convidada a refletir sobre o mundo e a sociedade, um exercício que não fazia parte, principalmente da minha formação educacional básica, ou seja, não fui ensinada a pensar para além das quatro paredes da sala de aula, fui ensinada a substituir números em fórmulas prontas, mas quando o assunto era a interpretação de um texto para solucionar um problema matemático, ou a escrita de uma redação dissertativa argumentativa, surgiam as dificuldades.

Por várias vezes, na realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), me sentia insegura e não conseguia escrever a redação, deixando ainda mais evidente essas dificuldades. Considero a minha base educacional bastante defasada, e acredito que outros estudantes daquela época compartilhem deste mesmo sentimento.

Essa metodologia de ensino-aprendizagem fundamentada na crítica e na reflexão, exigiu que eu me esforçasse e me reconectasse com um aprendizado diferente daquele que eu tinha vivenciado. Embora desafiador, o início do curso foi uma oportunidade de crescimento pessoal e acadêmico, marcando um novo capítulo em minha trajetória.

Enquanto a liberação da vacina contra a COVID-19 não atendia a todos os grupos de pessoas no Estado, permanecemos em formato remoto até meados do segundo período do curso. Estudamos no **1º (primeiro) período**, o eixo articulador “Conhecer o Etnoagroecossistema”. Esse eixo nos convidou a ampliar nossas lentes e olhar para os nossos

territórios de vivência a partir de uma abordagem sistêmica, buscando identificar as interações e os fenômenos que ocorriam nos ecossistemas, caracterizando os sujeitos inseridos neles, os seus modos de vida, seus sistemas agroalimentares, suas relações com a Agroecologia e com a natureza, suas práticas educativas, suas expressões culturais e os impactos observados nos territórios a partir do mote “Mexeu com uma espécie, mexeu com todas”. O eixo propunha, por meio de uma reflexão problematizadora “re-ad-mirar” a “ad-miração” que se fez, na “ad-miração” anterior, e não somente dar-se conta da realidade à nossa volta, mas nos reconhecermos enquanto sujeitos transformadores dessa realidade (Freire, 2021).

Na busca por tentar entender melhor a realidade do meu território de vivência e as transformações ocorridas ao longo do tempo, procurei por leituras que contassem sobre a história da região de Aldeia. Observei que os processos de transformação da paisagem natural se intensificaram a partir dos anos 1990, marcadas pela transição de um perfil predominante de granjas e chácaras, para uma ocupação atrelada à expansão imobiliária (Silva, 2011). O uso e ocupação do solo, sobretudo para a construção de grandes condomínios horizontais, geraram impactos ambientais, como desmatamento, diminuição da biodiversidade local e alterações no microclima.

Esses impactos se tornam ainda mais acentuados com o crescente aumento no número de condomínios nos últimos anos, e ainda, a constante ameaça atual da construção da Escola de Sargentos do Exército, que caso venha a se concretizar, derrubará 90 hectares de área de Mata Atlântica, que compõe uma parte da Área de Proteção Ambiental (APA) Aldeia-Beberibe, intensificará os impactos à biodiversidade e ampliarão consequências futuras. A seguir, um pequeno relato do meu pai, quando entrevistado em junho de 2018, por uma professora e seu grupo de estudantes da Escola Estadual Tito Pereira de Oliveira, onde estudei até concluir o 2º grau do ensino médio. A entrevista (Guimarães e Barbosa, 2018) fez parte de um trabalho realizado por professoras desta Escola, e teve como objetivo contar um pouco da história da região de Aldeia ao entrevistar seus moradores mais antigos.

Aqui era mata virgem antigamente, mas Aldeia tem mudado. A fauna e a flora principalmente. Já foi um paraíso em termos de beleza. Hoje não é mais [...]. O livro "Aves de Aldeia" conta a história da fauna de Aldeia como era. Tá sendo dizimada por conta do desmatamento. As aves têm que migrar. Mas é falta de conscientização das pessoas. Porque o homem é o maior predador do universo [...]. Para Aldeia de 40 anos atrás, eu viria outra vez. Isso aqui era muito sossegado. Quando o progresso chega, também trás as mazelas.

Enquanto escrevia outras partes deste Memorial, surgiam reflexões sobre o que já havia escrito, a partir de leituras que realizava no decorrer da sua construção, mas também

através de outras reflexões do momento, então, eu acabei voltando para acrescentar informações que considerava importantes para complementar o pensamento, sendo esse trecho descrito acima um deles.

Na visão do meu pai, **o homem é o maior predador do universo**. Ao escrever esta frase, ouvia ao fundo um barulho muito forte de uma serra elétrica, que, inclusive, atrapalhava minha concentração. A partir disso, refleti sobre a frase que havia acabado de escrever. De certo modo, o homem é sim predador. No entanto, “O ser humano pode se incluir, fazer parte do sistema, vivendo dele sem degradar os recursos para a vida (solo, água, biodiversidade) [...]” (Gotsch, *apud* Miccolis *et al.*, 2016, p. 29). Ele pode se incluir como sujeito transformador, que se vê parte da natureza e parte do seu equilíbrio.

Na região de Aldeia, observo uma cultura voltada para a destruição, que não se limita à especulação imobiliária, com a construção massiva de condomínios, mas também inclui os próprios moradores, que se incomodam com a “sujeira” das folhas das árvores que caem em seus quintais e decidem cortá-las.

A cada parte da árvore que despencava no chão, os gritos de comemoração acompanhavam sua queda. Era um processo de “poda”, que se estendia para a segunda semana do mês de janeiro de 2025, na escola citada acima na entrevista. Uma das árvores “podadas” foi, inclusive, um dos meus elementos de estudo no segundo período do curso e estava cheia de frutos quando foi “podada”. Esses acontecimentos me entristeceram e me preocuparam.

Ao lembrar este período, percebi também como os temas trabalhados, especialmente quando se referiam ao mote “Mexeu com uma espécie, mexeu com todas,” e às perguntas que orientavam reflexões mais voltadas para o ambiente à minha volta, se relacionavam com o contexto em que vivíamos. Esses debates reafirmaram a relação direta entre as ações humanas e os impactos globais, mostrando que as formas como nos apropriamos, utilizamos e manejamos os recursos naturais ao longo do tempo, muitas vezes sem consciência ou conscientes das consequências, afetam todas as formas de vida no planeta.

Um exemplo claro disso, foi a pandemia da COVID-19, resultado do desequilíbrio ambiental global. Essa realidade hoje se manifesta de forma ainda mais evidente nas mudanças climáticas, que trazem impactos profundos e generalizados em proporção planetária, sobretudo para a produção de alimentos.

Ainda no período de aulas remotas, vivenciamos duas imersões e uma culminância: a imersão pela Zona da Mata Sul de Pernambuco (1º período), que nos propunha olhar para o passado para compreender o presente e repensar os futuros, ou seja, refletir sobre os processos

históricos em torno da monocultura da cana-de-açúcar nessa região, sobre as lutas e desafios acerca das experiências de resistência (assentamentos da reforma agrária) e sobre a necessidade de se pensar estratégias de enfrentamento aliadas a projetos que contemplem essa região em diálogo com as dimensões da Agroecologia; e a imersão pela Região Metropolitana do Recife (1º período), que nos apresentou possibilidades de fazer agricultura agroecológica em espaços pequenos e urbanos, a exemplos dos quintais produtivos e das hortas urbanas. Apesar do contexto desafiador de aulas remotas, essas imersões se destacaram como momentos enriquecedores de aprendizados. No entanto, a impossibilidade de vivenciar presencialmente as experiências, limitou a dimensão do que esses espaços de troca poderiam nos proporcionar. A ausência do contato direto – o olho no olho, a observação *in loco*, o toque, o cheiro e o sabor, comprometeu a construção de memórias afetivas, importantes para a consolidação das relações.

Essa ausência do contato físico também influenciou na preparação da síntese no final do período. O processo de construção da primeira culminância foi, sem dúvida, um dos mais desafiadores. Encarar a tarefa de sintetizar tantos conteúdos trabalhados ao longo do período, especialmente em um formato remoto, trouxe muitas incertezas. Ainda sem compreender totalmente do que se tratava a culminância e de como organizar tantas informações de forma coerente e como fazer relações entre os temas estudados, surgiram questionamentos: como criar algo tão complexo sem o contato presencial, que facilita a troca de ideias e torna o processo mais criativo, colaborativo e prazeroso? Esse afastamento físico intensificou o sentimento de insegurança, trazendo ansiedade, tornando o desafio ainda maior e exigindo esforço para superar as dificuldades. Apesar dos desafios, conseguimos entregar aquilo que o momento pôde nos oferecer.

Sáimos do modelo remoto para o presencial em 16 de maio de 2022. Ainda havia o receio em relação à pandemia – algumas pessoas não puderam estar presentes por estarem doentes, e muitas usavam máscara de proteção, inclusive eu. Apesar disso, a expectativa e a curiosidade faziam parte daquela chegada inicial. Deixamos de lado as telas, que nos acompanharam por praticamente dois semestres seguidos, e nos encontramos na Jurema<sup>4</sup>. Depois, formamos uma grande roda de apresentação com os estudantes das duas turmas e os

---

<sup>4</sup>A jurema (*Mimosa Tenuiflora*) é considerada uma planta sagrada para povos tradicionais, como indígenas, quilombolas, e para comunidades de terreiro. Ela possui um papel importante tanto cultural como religioso (Neto, *et al.*, 2023). Segundo a professora Lorinalda (UAST/UFRPE), a jurema que marcou o nosso encontro/reencontro após o isolamento social, na UFRPE, foi trazida pelo povo Indígena Xukuru durante o II Seminário Internacional de Agroecologia, o III Seminário de Agroecologia de Pernambuco e a II Jornada dos Povos de Pernambuco, que aconteceu no período de 22 a 24 de setembro de 2015, na UFRPE. O plantio simbólico da jurema representou a importância da presença dos povos tradicionais dentro da academia.

professores, na Associação dos Docentes da UFRPE (ADUFERPE). Foi um momento marcante e emocionante. Pela primeira vez, pudemos nos olhar de perto, nos reconhecer enquanto estudantes do BACEP e nos surpreender uns com os outros. Pudemos tocar as mãos e arriscar alguns abraços tímidos e receosos, com cuidado, sentidos e ressignificados.

Continuamos o **2º (segundo) período** orientados pelo eixo articulador “Diagnosticar o Etnoagroecossistema”, com os temas de Educação em Agroecologia e Relações Étnico-Raciais, Naturezas em Movimento, Raciocionalidades Camponesas e Economias e Ciclos e Solos. Dessa chegada ao presencial, destaco três momentos importantes. O primeiro refere-se à visita de um mestre popular à universidade. O mestre expôs sua história de cultura e educação popular no contexto de comunidades a partir do cavalo marinho Boi Pintado. Esse momento reforçou a importância da construção do conhecimento fundamentado no diálogo entre o saber popular e o científico, que contribuem significativamente para uma educação libertadora e transformadora da realidade dos sujeitos. Esse foi um dos princípios que orientaram nossa formação enquanto educadores/as, agroecólogos/as ao longo do curso. No entanto, os mestres do conhecimento tradicional muitas vezes têm seus conhecimentos desvalorizados pela academia, como destaca Oliveira (2017):

[...] são sabedores não raro negros e indígenas com poucos recursos materiais, que dominam um conhecimento complexo e por vezes não valorizado pela academia e ciência moderna. Especificamente são artesãos, brincantes, quilombolas, lideranças indígenas que trabalham em lógica comunitária, territorializada e atrelada muitas vezes ao sagrado. Muitos recebem e transmitem seus saberes exclusivamente pelo suporte da oralidade (p.17, nota 1).

No segundo momento, vivenciamos a experiência prática na trilha da mata “preservada” do zoológico Parque Estadual Dois Irmãos-PE, onde refletimos sobre as naturezas em movimento através de um olhar ampliado, que busca ver além daquilo que exergamos imediatamente, as subjetividades, para entender as relações a partir de uma abordagem sistêmica da vida, que reflete sobre o todo e as relações desse todo (homem e natureza), trazendo para aquele momento, a reflexão sobre continuidade e descontinuidade.

Essa reflexão diz respeito ao momento em que iniciamos o percurso da trilha, e falava do nosso olhar inicial sobre o que estava à nossa volta, e as percepções ao longo do percurso, para, ao final, observar novamente ao nosso redor e perceber que, até certo ponto, a natureza se mostrava “preservada”, demonstrando alguns fragmentos da intervenção humana. Contudo, ao final do percurso, a visão do alto da trilha revelava uma paisagem totalmente modificada, onde a intervenção do homem se deu de maneira mais intensa.

Essas reflexões geraram questionamentos: quais as consequências dessas intervenções percebidas ao longo do percurso? (solo modificado, menos matéria orgânica, dificuldade de regeneração, perturbação e afastamento da fauna local, ou desaparecimento de algumas espécies, menos disseminação de sementes, portanto, menos vegetação e menos cobertura do solo). O mote “mexeu com espécie, mexeu com todas”, refletido anteriormente, era reafirmado neste segundo período. Aquele processo natural de interação entre sistemas locais, de ciclagem de nutrientes e de solo orgânico, portanto mais equilibrado, ao final do percurso havia sofrido a descontinuidade pela ação do homem. Entendemos a Agroecologia como uma ciência que constroi conhecimento em espaços diferenciados e em diálogo com a realidade. Para além dos princípios que primam a educação em Agroecologia, vimos, nessa aula prática, principalmente as questões de preservação ambiental e de proteção da vida. Assim, a reflexão de que esses espaços precisam ser conservados e protegidos, evitando estresse e perturbações que levem a desequilíbrios.

No terceiro momento, tivemos uma aula prática no bosque Paulo Freire, um dos espaços de convivência utilizado por todas as turmas do BACEP para a realização das aulas. A prática foi sobre a identificação e caracterização dos tipos de solo, sua coloração, textura e cheiro. Trouxemos amostras de solo dos nossos territórios de vivência/estudo, e analisamos suas características, relacionando-as ao contexto de cada território apresentado por nós. A partir disso, refletimos sobre os processos de modificação da estrutura física, química e biológica, observando que, nos territórios onde esses processos se davam com mais frequência, resultavam em solos mais degradados e menos orgânicos, sendo maior a possibilidade de infertilidade para a produção de alimentos, por exemplo.

### **2.1.2 A chegada ao presencial e as imersões como fator gerador do meu conhecimento dentro da Agroecologia (3º, 4º, 5º, 6º, 7º e 8º períodos)**

A partir do **3º (terceiro) período**, que iniciou em julho de 2022, fui dando conta da dinâmica diferenciada do BACEP em relação à organização dos espaços de vivência. A sala de aula era organizada em formato de círculo, e ao centro, eram dispostos símbolos, bandeiras de movimentos populares e elementos que se relacionavam ao tema a ser trabalhado por determinado guardião<sup>5</sup>. Com isso, formava-se uma grande mandala diversificada e colorida, causando-me, inicialmente, certa estranheza. Confesso que fui resistente diante desse modelo

---

<sup>5</sup>No curso, os professores são chamados de guardiões das temáticas. São aqueles professores responsáveis por determinado tema durante o semestre.

de organização e que, muitas vezes, recusei o convite de entrar no círculo por vergonha ou por questões de adaptação ao que não fazia parte das minhas experiências educacionais anteriores.

Outra característica do curso são os grupos de autogestão. Estes são espaços que promovem o protagonismo dos estudantes no fazer pedagógico cotidiano e na construção coletiva dos conhecimentos. Esse processo se desenvolve por meio da relação entre educadores (as) e educandos (das) em diferentes espaços de vivência educacional, sejam eles formais ou populares. Essa proposta, baseada na pedagogia da autogestão, tem suas raízes nas experiências de educação popular de diferentes movimentos sociais (PPC, 2023).

Na nossa turma, o fazer pedagógico autogestionado frequentemente se mostrou desafiador. Ele exigia esforço e corresponsabilidade individual e coletiva no processo de construção das atividades atribuídas a cada grupo. No entanto, dificuldades individuais, como conciliar as atividades da autogestão com outras atividades do curso e com as responsabilidades pessoais, ou ainda adaptar-se a um determinado grupo, muitas vezes sensibilizaram o coletivo. Essas questões demonstraram a complexidade do ensino-aprendizado autogestionado e a importância do apoio e cuidado coletivo no processo.

Ao finalizar este período, entendi que os elementos não estavam ali por acaso, mas tinham um significado que remetia às práticas dos movimentos sociais, que têm relação direta com a Agroecologia. Havia também a mesa da partilha, que junto com os grupos de autogestão, nos acompanhou durante os quatro anos de graduação.

Durante as imersões remotas, as telas criavam uma barreira entre nós e a realidade dos territórios, e esse tipo de experiência ficava mais no campo do imaginário. A imersão que aconteceu neste período foi marcante, por isso descrevo com mais detalhes uma destas visitas, por ter sido determinante para as minhas escolhas de aprofundamento de tema de estudo. Esta imersão foi pelos Sertões de Pernambuco, o Moxotó e Pajeú, realizada no **3º (terceiro) período**, em agosto de 2022, onde buscávamos conhecer a agrobiodiversidade e entender a sua importância para a agricultura familiar sertaneja, analisar os avanços e as ameaças, entender o uso da vegetação no contexto do semiárido, as formas de integração da produção vegetal e animal nos diferentes subsistemas e como se dava o planejamento dos agroecossistemas no cenário do semiárido. Aqui, vimos experiências de reflorestamento em área degradada, atrelada ao conhecimento da vegetação nativa local e ao uso de vegetação resistente ao clima semiárido, como o Serviço de Tecnologia Alternativa (SERTA), em Ibimirim, e a comunidade Enjeitado, em Triunfo.

Na comunidade Laje do Gato, em Afogados da Ingazeira, conhecemos a experiência de uma das agricultoras contempladas pelo Projeto Algodão e consórcio agroecológico

associado a outras culturas, que contribuíram para a geração de renda e autonomia da família. Além disso, verificamos tecnologias sociais, como fogão ecológico, biodigestor e sistema de aquaponia. Também identificamos os subsistemas de produção animal e vegetal que, integrados, ofereciam sustentabilidade e equilíbrio para a propriedade.

Na comunidade Santana dos Guerras, em Santa Cruz da Baixa Verde, visitamos o etnoagroecossistema da nossa colega de turma e identificamos estratégias de convivência com o semiárido, destacando os subsistemas de produção animal e vegetação, com espécies resistentes à seca (plantio de sequeiro), que contribuem para a alimentação da família e dos animais. Apesar da disponibilidade de recursos hídricos, observamos os desafios de produzir sem sistema de irrigação e a importância das cisternas na captação e armazenamento de água das chuvas. Observamos esses e outros aspectos, analisando-os a partir da metodologia participativa e do Mapa de Recursos Naturais (Verdejo, 2003), baseando-nos, principalmente, na observação da nossa colega agricultora.

No **período em questão**, fomos orientados pelo eixo articulador “Planejamento no Etnoagroecossistema”. Nesse processo de construção do conhecimento, além da imersão, as aulas e as atividades propostas, me fizeram interessar pelos temas da Agrobiodiversidade e das Sementes Crioulas. Até então, minhas atividades eram desenvolvidas em diferentes locais: na região de Aldeia, meu local de vivência, e à distância, no Sítio da minha família, em Várzea-RN. Encontrar um espaço para realizar as atividades foi um processo desafiador para nossa turma. A adoção de um etnoagroecossistema só se concretizou, de fato, neste período, e a Feira Agroecológica da Várzea, em Recife-PE, surgiu como uma alternativa viável tanto para mim, quanto para outros colegas da turma.

O principal objetivo da atividade era identificar a agrobiodiversidade presente nas bancas dos agricultores familiares de Bom Jardim e de outros municípios do estado, por meio de observações e entrevistas semiestruturadas. Além disso, buscávamos compreender como eles se planejavam para abastecer suas bancas e quais eram suas relações tanto com seus territórios de vivência quanto com o espaço da feira. No contato direto com os agricultores e suas produções, permanecia a sensação de que faltava algo mais, e esse sentimento me acompanhou até o 4º período, quando as atividades propostas exigiam uma relação mais direta com os sítios das famílias, e não somente com as bancas deles na feira, tornando-se uma tarefa desafiadora realizar as atividades naquele espaço.

Diante dessa dificuldade, sinto que não me aprofundei em alguns temas e não aproveitei como poderia, se tivesse um contato mais direto com as famílias na propriedade.

Nesse contexto, vi as imersões como oportunidade para entender melhor as dinâmicas das famílias em diferentes aspectos e analisar as dimensões da Agroecologia nos espaços.

No **4º (quarto) período**, estudamos o eixo articulador “Planejamento e Ação no Etnoagroecossistema” e as temáticas de Educação do Campo, Construção do Conhecimento Camponês, Agroecologia e Feminismo, Alimentação e Sociedade, Expressões Culturais do Campesinato e Redesenho de Etnoagroecossistemas Animal e Vegetal. Foi realizado um diálogo entre este período e a imersão do período anterior. Para tanto, utilizou-se a experiência da comunidade Santana dos Guerras, em Santa Cruz da Baixa Verde, na qual, observamos e analisamos os subsistemas da propriedade a partir da metodologia participativa baseada, principalmente no olhar da agricultora e com a utilização do Mapa de Recursos Naturais<sup>6</sup>, uma das ferramentas do Diagnóstico Rural Participativo (DRP)<sup>7</sup>. Na temática de Redesenho dos Etnoagroecossistemas, conhecemos as ferramentas e as técnicas do (DRP), que aliadas aos conhecimentos da família sobre as características do seu local de vivência, auxiliam no planejamento e diagnóstico para redesenhar os etnoagroecossistemas de forma participativa.

A imersão do **4º (quarto) período** aconteceu em fevereiro de 2023, pela Zona da Mata Norte de Pernambuco. Conhecemos experiências de resistência. Assim como na Zona da Mata Sul, essa região é historicamente marcada pela monocultura da cana-de-açúcar, pelo uso intensivo dos recursos naturais e pela luta pela terra. Aqui, a transição agroecológica e o beneficiamento da produção foram estratégias de enfrentamento ao modelo de agricultura convencional e aos seus impactos, mas também uma estratégia de convivência e permanência das famílias agricultoras no território.

Conhecemos a experiência das Mulheres da Roça, em Aliança, um grupo de mulheres agricultoras da região que, por meio do beneficiamento de alimentos da sua própria produção, encontraram oportunidades para gerar renda, conquistar independência financeira e fortalecer o empoderamento individual e coletivo.

Também visitamos a Associação de Produtores Agroecológicos e Moradores das Comunidades do Imbé, Marreco e Sítios Vizinhos (ASSIM), em Lagoa de Itaenga, que vem realizando, desde 1998, um trabalho de assessoria técnica com agricultores para o processo de transição agroecológica. Na época da visita, a Associação fortalecia 54 agricultores familiares

---

<sup>6</sup>É um mapa social, que busca reunir informações sobre as condições de vida, analisar as necessidades e potencialidades para melhorar a estrutura social da comunidade.

<sup>7</sup>O Diagnóstico Rural Participativo (DRP) reúne um conjunto de técnicas e ferramentas que podem auxiliar comunidades tanto rurais quanto urbanas a fazerem seu próprio diagnóstico e autogerenciar o planejamento e desenvolvimento.

da região, inserindo-os em espaços de comercialização, como as 16 feiras agroecológicas das quais participavam. Além disso, oferecia projetos inclusivos, atendendo a população jovem, mulheres e pessoas idosas, tanto do próprio município quanto das cidades vizinhas. Apesar de fazer parte de programas como o PAA<sup>8</sup> e PNAE<sup>9</sup>, observamos que a Associação não atendia a uma escola do campo situada no próprio município, demonstrando a necessidade de estabelecer um diálogo entre a Associação, a Prefeitura e a Escola. Ao incluir a produção da agricultura familiar na alimentação dos estudantes, contribuiria para a segurança alimentar desses alunos, entre outros benefícios.

Ainda nesse caminho pela Mata Norte, um dos momentos mais esperados por mim foi a visita ao Sítio Três Estrelas, em Glória do Goitá, onde conhecemos o etnoagroecossistema do nosso colega de turma. Através de suas experiências e com recursos próprios, ele implantou diversas tecnologias sociais, como um sistema de aquaponia, um biodigestor e diferentes pontos de captação de água das chuvas por meio de cisternas. Além disso, iniciou um banco de sementes com variedades de feijão, milho e arroz, garantindo sementes para os próximos plantios. Durante a visita, realizamos um mutirão para a produção de silagem, utilizando recursos locais, como gliricídia, capim-elefante e raspa de mandioca para a alimentação animal. Observo que, além de fortalecer outros territórios, o BACEP também tem valorizado os territórios dos discentes por meio das imersões. O reconhecimento e a visibilidade dessas iniciativas nos inspiraram e inspiram outras experiências através das trocas de conhecimento, fortalecendo o diálogo da Agroecologia.

Encerramos nosso percurso no Sítio Ághata, no assentamento Chico Mendes I, em Tracunhaém, onde conhecemos um pouco da história de três mulheres negras que conquistaram seu espaço nesse território depois de muito conflito e luta pela terra na região. Nessa visita, contribuimos com a realização de um mutirão para a preparação, implementação e plantio de mandioca, utilizando recursos locais.

Por fim, neste período, o conhecimento foi aprofundado a partir das ferramentas do DRP, tanto nas atividades em sala de aula, quanto nas atividades de campo (local de estudo e imersão). Utilizamos algumas vezes a Matriz FOFA<sup>10</sup> no primeiro período para avaliar o semestre. Já a árvore de problemas<sup>11</sup> foi usada com mais frequência nas atividades em sala de

---

<sup>8</sup> Programa de Aquisição de Alimentos

<sup>9</sup> Programa Nacional de Alimentação Escolar

<sup>10</sup> A matriz FOFA busca identificar as fortalezas, as oportunidades, as fraquezas e as ameaças nas comunidades.

<sup>11</sup> A árvore de problemas analisa a relação causa-efeito, onde as raízes simbolizam as causas do problema; o problema vai estar no tronco; e os galhos e folhas serão os efeitos (Verdejo, 2006).

aula. Os mapas e as entrevistas semiestruturadas foram aplicados em quase todas as atividades da VRC.

Apreendi que, antes de utilizar algumas dessas ferramentas, é importante identificar primeiro o contexto da família, seus interesses, sonhos e o objetivo que se quer alcançar. Isso ocorre a partir do diálogo e com uso das metodologias participativas. Com essas ferramentas, é possível identificar o que fica e o que sai da propriedade, a produção, o consumo, se há dependência de insumos externos ou não, se há beneficiamento da produção, entre outros aspectos. Observar o etnoagroecossistema com um múltiplo olhar, buscando perceber as dimensões que envolvem a Agroecologia (dimensão política, sociocultural e econômica e ecológica e técnico-produtiva) e se o etnoagroecossistema compreende ou não essas dimensões, além de entender quais são as complexidades para alcançá-las.

Então, foi nessa perspectiva que busquei desenvolver uma das atividades propostas no **5º (quinto) período**, dentro do eixo articulador “Atuação no etnoagroecossistema”, onde o tema de Processos Participativos de Melhoramento Genético de Plantas, solicitava um levantamento das sementes existentes no etnoagroecossistema que passei a acompanhar em julho de 2023. Foi através da minha participação no Programa de Educação Tutorial (PET), que passei a frequentar a Feira da Agricultura Familiar e Economia Solidária, em São Lourenço da Mata-PE, local onde desenvolvi as atividades do PET, onde estabeleci um diálogo com um dos agricultores e passei a realizar minhas atividades em sua propriedade, em parceria com uma colega da turma.

Conduzimos o processo de levantamento das sementes inicialmente por meio de diagnóstico e, depois, a partir da metodologia Matriz FOFA, que revelou nos resultados, a necessidade de planejar e desenvolver ações de construção do conhecimento agroecológico diante da fragilidade no armazenamento das sementes crioulas e da recuperação de sementes perdidas em consequência do desequilíbrio biológico do sistema de produção. Além disso, identificamos ameaças de polinização cruzada devido à plantação de milho convencional dos vizinhos. Nesse sentido, vimos, por meio de um possível plantio, a oportunidade de reintroduzir as sementes perdidas e fortalecer o banco de sementes do agricultor, apresentando práticas de armazenamento que garantisse a segurança das sementes, especialmente, a variedade de milho, que vem sendo passada de geração em geração há aproximadamente 150 anos, apontada como uma de suas fortalezas durante a construção da Matriz FOFA.

A imersão do **5º (quinto) período** aconteceu pelos Agrestes Setentrional e Central de Pernambuco, em julho de 2023, onde encontramos experiências de agricultura sustentável em diferentes municípios. Visitamos a cidade de Bom Jardim e conhecemos a experiência da

Associação de Agricultoras e Agricultores Agroecológicos (AGROFLOR) e uma das famílias que ela assessora, a qual implantou diferentes sistemas de criação de peixes em sua propriedade, além da produção vegetal em sistema consorciado, possibilitando o aumento da sua produção para a soberania alimentar da família e gerar renda a partir da comercialização do excedente na feira agroecológica do município.

Em Vertente do Lério, colocamos em prática um planejamento construído de forma coletiva e participativa, que resultou na implantação de um Sistema Agroflorestal (SAF), alinhado às características do território e às necessidades do local. Utilizamos cerca de 60 espécies, incluindo cactáceas, tuberosas, leguminosas, frutíferas e gramíneas, com foco na produção de forragem e frutíferas. Do ponto de vista de Dias *et al.* (2021, p. 84)

Em uma perspectiva agroecológica, os sistemas agroflorestais (SAFs) ou agroflorestas são formas de uso da terra que combinam a produção de culturas agrícolas e/ou animais com espécies florestais, simultaneamente ou em sequência, na mesma área. Esses sistemas buscam conciliar o aumento de produtividade e a rentabilidade econômica com a proteção ambiental e a melhoria da qualidade de vida das populações rurais.

A atividade foi realizada em conjunto com os Jovens Agroflorestores, alunos da Escola Municipal São José, que, junto com professores/as, desenvolvem um projeto de recuperação de áreas degradadas do semiárido por meio da prática de SAFs, contribuindo para a sustentabilidade ecológica do planeta. Durante esta experiência, compreendi que planejar e construir coletivamente, distribuindo as tarefas durante a implantação do SAF, foi um caminho que fortaleceu o processo e reforçou o envolvimento de todos. Essa experiência também reforçou o meu entendimento de que o planejamento deve estar alinhado às características locais e que as famílias agricultoras, que detêm o conhecimento sobre as especificidades do território, são fundamentais no estabelecimento do diálogo. Dessa maneira, valorizar esses saberes é essencial para garantir que o SAF atenda às suas necessidades e interesses.

Em Pesqueira, imergimos no território dos indígenas Xukurus do Ororubá e “caminhamos com andanças gentis”, como disse a liderança do povo Xukuru (2023). Assim, caminhamos com cuidado na mata dos encantados<sup>12</sup>, realizamos um mutirão de plantio de mudas e uma prática de beneficiamento da produção do território (a banana). Essa prática nos orientou sobre os cuidados com a higiene no preparo dos alimentos, evidenciando a necessidade de produzir um alimento seguro para o autoconsumo e para os consumidores, reforçando o que estudamos na temática de Processamento e Conservação de Alimentos da

---

<sup>12</sup>Os Indígenas Xukurus do Ororubá. Entrevista concedida a Olívia Mindêlo. *Continente*, n. 246, 17 jun. 2021.

Produção Familiar. Além disso, demonstrou o valor do alimento em suas diferentes formas de aproveitamento, agregando valor nutricional e comercial, possibilitando a geração de renda e autonomia, mas também é uma maneira de manter viva a tradição do cultivo e da cultura local. Nessa experiência, vimos ainda a preservação e a continuidade das práticas e saberes tradicionais, evidenciados, principalmente, nos diversos usos das plantas medicinais no Laboratório de Medicina Ancestral dos Xukurus.

No município de Bonito, visitamos o Mercado da Vida, um espaço de comercialização de produtos da agricultura familiar que funciona desde 2016, mas que também é um local de resistência, conforme relato de um dos agricultores no momento da visita, ao demonstrar a preocupação de se manter nesse espaço quando ocorre a mudança de gestão no município. Nessa visita, refletimos junto com os agricultores e com os professores Marcos Figueiredo e Walter Evangelista, sobre a importância do diálogo e de metodologias participativas sensibilizadoras na mobilização dos agricultores que ainda produzem de maneira convencional na região, mostrando formas mais sustentáveis de se produzir. Nesse sentido, este espaço também oferece a troca de conhecimento entre agricultores, consumidores e instituições de ensino para o fortalecimento do diálogo acerca da produção saudável e livre de veneno.

Finalizamos nossa caminhada pelos Agrestes conhecendo a experiência de uma família que, apesar das características do terreno (íngreme), persistiu na sua produção de hortaliças consorciada e vem realizando o trabalho utilizando estratégias, como a rotação de culturas, para impedir a incidência de insetos que provoquem o desequilíbrio do sistema de produção. Com essa e outras estratégias, a família deteve autonomia sobre a semente de coentro, que cultiva há cerca de 20 anos, mantendo o seu poder de germinação, o que não ocorre com as sementes convencionais. Se as sementes convencionais não mantêm o poder de germinação e vigor ao longo dos próximos ciclos de produção, o agricultor se vê dependente do mercado para a compra periódica de sementes.

A partir **desse período**, passei a realizar as culminâncias em conjunto com o grupo do território Recife. Essa mudança de grupo foi muito marcante, pois, enquanto vivia o período mais difícil da minha vida, senti-me acolhida e ouvida por meus colegas. Percebi-me parte desse coletivo, construindo juntos todo o processo de aprendizado.

Nessa construção, a confiança e empatia acerca dos potenciais e limites que cada um poderia oferecer, foram fatores primordiais para que os principais aprendizados fossem refletidos através da arte e da cultura, em poesias, músicas, colagens, fotografias, crochês e bordados, danças, e até mesmo em teatro de bonecos.

A cada fim de período vivenciávamos experiências novas e desafiadoras, que exigiam organização das ideias, poder de síntese e criatividade, mas, ao final das apresentações, sempre surgia a sensação de alívio e dever cumprido. Entre linhas, botões, colas e conversas trocadas, nossas experiências foram tecidas, resultando em uma ampla rede de significados e significâncias.

No **6º (sexto) período**, em outubro de 2023, nossa imersão foi no X Seminário Nacional de Semente Crioulas (SENASEC), organizado pelo Movimento Camponês Popular (MCP) na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Vivenciamos cinco dias de imersão, nos quais nos deparamos com diferentes temas em torno das sementes crioulas e da agrobiodiversidade.

A presença de diversos povos, como indígenas, quilombolas, camponeses, estudantes, pesquisadores e organizações sociais de diferentes regiões do Brasil e de outras partes do mundo, fortaleceu o debate sobre a preservação das sementes crioulas e da agrobiodiversidade, cuja a conservação tem sido feita pelos agricultores familiares e camponeses ao longo de gerações e de como esses dois componentes são essenciais para a soberania alimentar dessas famílias e da população de um modo geral.

O seminário também trouxe à tona o papel das mulheres e da juventude camponesa na produção e preservação das sementes crioulas, destacando a importância do reconhecimento do seu trabalho e de seu protagonismo nos espaços de produção e de diálogo. Além disso, o momento da feira de trocas de sementes possibilitou o intercâmbio da diversidade genética e abriu espaço para a troca de conhecimentos sobre as sementes e suas variedades adaptadas a diferentes locais.

Outro tema destacado foi o acesso a políticas públicas que garantam o direito à alimentação saudável e apoiem a agricultura familiar e camponesa, ressaltando que é dever do Estado assegurar que essas famílias tenham condições para produzir seu próprio alimento e que esse alimento seja de qualidade. É dever do Estado, mas é importante ressaltar que é um debate de interesse da sociedade como um todo, pois se não há assistência técnica e apoio para a produção e a distribuição desse alimento produzido sob a perspectiva agroecológica, não há como garantir que ele chegue ao consumidor e contribua para a segurança alimentar de todos. Quem mora na cidade também precisa comer, por isso, é importante entender e questionar para onde estão indo os recursos públicos e os subsídios destinados à alimentação. Esse debate também é nosso!

No SENASEC, também foram apresentadas as principais fontes de contaminação das sementes crioulas e as estratégias para mantê-las protegidas e conservadas. O seminário

alertou sobre a importância da conservação dessas variedades, que resguardam a diversidade genética, cultural e de adaptabilidade a diferentes características ambientais, garantindo, sobretudo, a segurança alimentar. Além de destacar a emergência desse tema, ressaltou que o caminho para avançar em estratégias mais efetivas depende deste tipo de diálogo horizontal, um espaço dialógico de construção do conhecimento entre a academia, os movimentos sociais e os camponeses e camponesas, bem como entre a juventude e as mulheres. Esse intercâmbio geográfico, aliado à cultura popular, também teve o papel de estreitar os laços entre o campo e a cidade. Essa experiência também ajudou a aguçar ainda mais minha curiosidade pelos temas da agrobiodiversidade e das sementes.

Em abril de 2024, já no **7º (sétimo) período**, voltamos a vivenciar experiências pela Região Metropolitana do Recife-PE, onde avaliamos a sustentabilidade e resiliência dos seis etnoagroecossistemas que visitamos, nas quais pude perceber influências internas e externas, que podem fortalecer ou fragilizar a sustentabilidade e resiliência desses sistemas.

Em Cuieiras-Igarassu, os desafios incluíam a falta de apoio da família nas demandas de trabalho na propriedade, a insegurança local, disputas judiciais pela posse da propriedade, dificuldades de acesso que limitavam a comercialização dos produtos e instabilidade nas políticas públicas. Por outro lado, o compromisso comunitário, a diversificação das atividades produtivas e a participação em feiras agroecológicas foram pontuados como elementos fortalecedores. Em Itamaracá, a pesca artesanal tem sido impactada pela redução de peixes devido a fatores ambientais e econômicos, mas se mantém através do conhecimento tradicional, da transmissão de saberes e estratégias adaptativas frente aos desafios. Já em Paulista, a falta de políticas públicas para cultura e lazer dificultou a organização social. No entanto, o resgate das tradições populares e a persistência na militância fortaleceram a identidade local.

Na experiência de Igarassu, os desafios estavam relacionados à inexperiência inicial, à instabilidade financeira, aos impactos na produtividade, devido às mudanças climáticas, e à falta de regularização da terra. Contudo, a adoção de práticas agroecológicas, o beneficiamento da produção e a participação em feiras agroecológicas impulsionam a resiliência da família. Na Ilha de Deus, problemas como poluição, desafios para a continuidade das práticas tradicionais, precariedade da infraestrutura das moradias e dependência de atravessadores ameaçam a sustentabilidade. No entanto, a organização comunitária e ativismo, as estratégias de adaptação e os sistemas de produção e comercialização que, apesar dos desafios, demonstram a capacidade da comunidade de se adaptar a manter uma base econômica movimentada dentro da própria comunidade. Em São

Lourenço da Mata, o histórico de monocultura resultou na degradação do solo e na necessidade de restauração do sistema produtivo. Por outro lado, a iniciativa da transição para uma produção de base agroecológica, a disponibilidade de recursos hídricos e a diversidade de frutíferas, embora necessite de equilíbrio, se destacaram como elementos positivos.

Os aprendizados dessas experiências demonstraram a importância da organização coletiva, do conhecimento tradicional e das estratégias de adaptação às adversidades. A presença de desafios ambientais e estruturais, necessita da inclusão de políticas públicas eficientes e apoio técnico para garantir a continuidade das atividades produtivas sustentáveis. O fortalecimento da Agroecologia e de suas práticas pode ser um caminho para o equilíbrio, para a autonomia, a segurança alimentar e a permanência digna nesses territórios.

No **8º (oitavo) período**, em novembro de 2024, viajamos em imersão junto com a “Caravana Sementes da Mata”, visitando comunidades assentadas da reforma agrária e uma comunidade quilombola do território da Zona Mata Norte. Essas comunidades são atendidas pelo Programa Sementes Mata<sup>13</sup>, que integra professores e estudantes da UFRPE, técnicos extensionistas rurais, movimentos sociais e a juventude local.

Essa experiência, mostrou a importância dessas iniciativas, que trabalham com a integração, a formação e o empoderamento da juventude, permitindo que esses jovens se fortaleçam e contribuam para a transformação da realidade das suas comunidades. Para compreender melhor as ações que vinham sendo desenvolvidas nessas comunidades, realizamos algumas atividades de sistematização utilizando Metodologias Participativas, uma temática optativa oferecida nesse período.

Na comunidade quilombola Riacho de Pedra, em Passira, construímos coletivamente uma árvore. Um trabalho manual que uniu a criatividade e a arte, e permitiu que os participantes da atividade percebessem e destacassem a importância de cada pessoa que ajudou a construir a história da comunidade, começando pelas pessoas mais antigas, que já não estavam mais entre eles, representadas nas raízes da árvore, depois por aqueles que ainda fazem parte da comunidade, estes, inseridos no caule da árvore, e por último, as crianças, sendo representadas na copa da árvore como os frutos dessa história. Foi muito gratificante fazer parte da construção dessa memória da comunidade, percebendo o envolvimento e a euforia de cada um ao recordar e valorizar os nomes daqueles que fizeram e fazem parte de suas histórias e contribuíram para a identidade da comunidade.

---

<sup>13</sup>Programa de Formação em Assistência Técnica e Extensão Rural para Assentamentos da Reforma Agrária e Contribuição para Agenda 2030 (Proforext).

### 2.1.2.1 A experiência da imersão determinante para a minha caminhada na Agroecologia: O reflorestamento de área degradada na Sítio Enjeitado, em Triunfo-PE

O Sítio Enjeitado está localizado no Sertão do Pajeú, entre as cidades de Triunfo e Santa Cruz da Baixa Verde. A propriedade possuía, na época da visita, 46 hectares de área. Antes, o agricultor plantava algodão, mas, após a crise do algodão em 1970, ele migrou para o estado de São Paulo em busca de trabalho. Essa é uma característica comum na história do povo sertanejo, que migra em decorrência da seca. Em 1997, quando já aposentado por insalubridade, ele retornou a Triunfo com o objetivo de revitalizar o rio Pajeú, “plantar água” e reflorestar seu agroecossistema, que era degradado e com pouca vegetação nativa, entre elas, a braúna, espécie importante para a recuperação de áreas degradadas.

Durante o processo de reflorestamento, o agricultor proibiu a prática de poda, a retirada da vegetação nativa e uso das árvores nativas da propriedade para alimentação dos animais.

O túnel de umburanas, conforme (Figura 2) foi um dos primeiros passos para o reflorestamento da área, pois essa espécie exerce função importante em recuperação de áreas degradadas, fornece alimento e adubação para o solo, serve de moradia e alimento para os pássaros e abelhas (importantes agentes polinizadores), além de formar uma grande barreira de proteção contra os ventos fortes que levantam partículas de solo, formando redemoinhos na região.

**Figura 2** – Túnel de umburanas no agroecossistema do agricultor.



**Fonte:** Autoria própria (2022).

O agricultor foi estrategista na escolha de manter a vegetação nativa, pois essas espécies têm facilidade de adaptação ao bioma Caatinga, assim como a imbiribeira, a carnaúba, o pereiro, o juazeiro, o umbuzeiro, também conhecido por imbuzeiro e “árvore sagrada do sertão”. Todas essas espécies, com suas características contribuem para a restauração florestal e de sistemas agroflorestais. A introdução delas na propriedade, facilitou e agilizou o tempo de restauração da área degradada. Para Ivanauskas (*et al.*, 2006 *apud* Mori *et al.*, 2012, p. 15)

O uso de espécies nativas aumenta a probabilidade de sucesso de um trabalho de reflorestamento. Isso porque essas plantas ocorrem naturalmente em condições de clima, hidrologia, topografia e solo semelhantes aos da área a ser reflorestada e, conseqüentemente, já estão adaptadas e interagem adequadamente com fauna local.

Além dessa estratégia, ele optou dividir seu agroecossistema em subsistemas de produção, como o roçado de milho cercado, para evitar a entrada de animais, o consórcio de feijão, macaxeira e milho, que após o plantio, deixam o solo descansar por dois anos antes de iniciar outra plantação; o barreiro para a criação de tilápia; a horta da sua esposa, que se encontrava mais próximo da residência da família, já que esse tipo de sistema demanda um maior cuidado e manejo diário; o pomar com uma diversidade de frutíferas; a criação de abelhas; a criação de galinhas em sistema aberto; a plantação de palmas; o espaço onde foram implantadas as tecnologias sociais, como a bacia de evapotranspiração com uso de bananeiras; o sistema de reúso de águas cinzas, que contribui para irrigar parte da plantação; e o próprio rio Pajeú.

O planejamento das implantações nesse contexto de semiárido se deu inicialmente com a coleta de sementes das plantas nativas que ficavam próximas ao rio Pajeú. Posteriormente, foram produzidas mudas com essas sementes, e as primeiras implantações ocorreram nas proximidades do rio, com a introdução de mudas de ingazeiro e juazeiro, pois quase não havia vegetação nativa nesse local. Além do corredor de umburanas, ele implantou sistemas de barreira de ventos, os chamados quebra-ventos, por toda a propriedade, para reduzir o impacto dos ventos e inseriu também várias espécies com função de reter umidade, como o ingazeiro e o mulungu. Ele reflorestou o rio Pajeú para que, futuramente, ele pudesse escorrer como antes e, nos períodos de inverno, quando o volume de água é maior, não avançasse para o roçado da família. Além disso, por meio de suas observações, identificaram e retiraram plantas exóticas, como o nim, que acreditavam prejudicar a biodiversidade local. Além do sistema de reúso de águas cinzas (RAC)<sup>14</sup> utilizada para irrigação, possuíam sistema

---

<sup>14</sup>“O Sistema de Reúso de Águas Cinzas (RAC), é um sistema inteligente no qual toda a água já utilizada na dinâmica da casa, que não é potável, ou seja, que não serve para o consumo humano, pode ser utilizada ainda

de irrigação e diferentes tipos de cisternas espalhadas pelo agroecossistema, para captar e armazenar água das chuvas e contribuir também com o processo de irrigação.

Antes, eu tinha uma visão distorcida sobre o Sertão. Acreditava que não havia possibilidade de encontrar tantas formas de vida, pois a mídia me mostrava esse cenário. Eu imaginava a escassez, uma vida sofrida e sem expectativas de sobrevivência e permanência, principalmente em períodos de estiagem e seca, característicos desta região. No entanto, durante o percurso, minha percepção foi mudando. Da janela do ônibus, vi paisagens verdejantes e, ao atravessar a ponte que dava acesso à propriedade de uma colega da turma (outra experiência que visitamos), senti a água límpida e cristalina jorrar sobre meus pés – uma cena que não esperava encontrar no Sertão.

O conhecimento do agricultor sobre as características do seu território, principalmente sobre a vegetação nativa, resistente ao clima semiárido, possibilitou o desenvolvimento de estratégias que contribuíram para o reflorestamento e recuperação do agroecossistema. Esse saber tradicional, aliado ao conhecimento científico promovido por organizações e instituições colaborativas, permitiu a implantação de práticas sustentáveis que garantiram a permanência da família no território. Entre essas iniciativas, destaca-se a atuação do Centro Sabiá (Centro de Desenvolvimento Agroecológico), que contribuiu com a implantação da bacia de evapotranspiração, um projeto realizado com apoio da Cáritas Alemã. Além disso, a Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST/UFRPE) e outras organizações forneceram suporte técnico e incentivo para fortalecer a resiliência do agroecossistema e a permanência da família.

Foi essa e outras experiências vivenciadas durante a imersão que transformaram meu olhar sobre o Sertão. Encantei-me com sua biodiversidade e com as possibilidades de criar estratégias que permitam a convivência com o semiárido. Nesse contexto, a Agroecologia aliada à políticas públicas, exerce um papel importante, pois promove a proteção da biodiversidade, a recuperação do solo, a produção de alimentos saudáveis e, principalmente, a dignidade do sertanejo. Mais do que produzir ecologicamente, ela gera autonomia, segurança alimentar, resiliência e equilíbrio nos agroecossistemas, viabilizando a permanência e afastando a possibilidade de migração das famílias.

---

para outros fins domésticos e produtivos, a partir de tratamento adequado. Seja para uso nas aguadas do chamado *arredor da casa* (aquele entorno em que há o aproveitamento do espaço), e até mesmo para os Sistemas Agroflorestais [...]” (CAATINGA; Centro Sabiá, 2021, p. 9).

## 2.2 ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO (ESO I e ESO II)

Durante os meus dois estágios tive a oportunidade de vivenciar experiências que dialogavam diretamente com os temas que decidi aprofundar: sementes crioulas e agrobiodiversidade. No primeiro estágio (**ESO I**), realizado na Associação de Camponeses e Camponesas de Pernambuco (ACCAPE), em agosto de 2024, tive a oportunidade de atuar na organização do I Seminário Estadual da Agrobiodiversidade e Sementes Crioulas e I Feira Estadual da Agrobiodiversidade. Esse evento reuniu diferentes atores sociais, além de instituições governamentais e não governamentais, para dialogar sobre a defesa e conservação das sementes e da agrobiodiversidade, bem como sobre a segurança e soberania alimentar das famílias camponesas e da população em geral.

Durante minha participação na construção desse evento, pude perceber o papel fundamental dos guardiões e guardiãs de sementes no resgate e conservação da diversidade genética. Esse reconhecimento se fortaleceu ao realizar um levantamento das variedades levadas por eles, especialmente de feijão crioulo, cuja diversidade eu desconhecia.

Entre os principais aprendizados, destaco a importância do trabalho e da luta dos movimentos sociais na defesa de políticas públicas que contribuam efetivamente para a preservação da agrobiodiversidade e das sementes crioulas, elementos essenciais para garantir a segurança e a soberania alimentar e nutricional. Além disso, os movimentos sociais também têm unido forças em prol da garantia da permanência e da dignidade das famílias no campo, destacando em suas ações, a necessidade da integração entre o campo e a cidade, promovendo diálogos que fortaleçam a valorização e a manutenção desses recursos essenciais.

Em relação à minha participação nos corredores agroecológicos implantados em assentamentos da reforma agrária em Tracunhaém, pude compreender o papel do Movimento Camponês Popular (MCP) na garantia e distribuição das sementes e em todo o processo de implantação dos corredores. Desde a preparação da terra, semeadura, monitoramento e acompanhamento das oficinas até a colheita das primeiras sementes e a sua participação na oficina de armazenamento. Essas ações contribuíram para o processo de transição agroecológica, a multiplicação de sementes, a geração de renda, o empoderamento das mulheres atendidas, a segurança alimentar, a resistência e a convivência no território.

O segundo estágio (**ESO II**), realizei em dezembro de 2024, no Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA-Garanhuns), órgão público de pesquisa e extensão rural que apoia a Rede de Sementes Crioulas do Agreste Meridional de Pernambuco (Rede SEMEAM) em sua atuação com sementes através da articulação em rede. Nessa experiência, atuei em primeiro âmbito com: 1) Organização e armazenamento das sementes; 2) Prensagem dos pacotes de

feijão crioulo, rotulagem e plastificação dos rótulos; 3) Separação de espigas de milho para o processo de seleção, seguindo critérios de viabilidade, além da realização de peneiramento, armazenamento e rotulagem, detalhando informações como identificação do produtor, variedade da espécie, local de produção, município de origem das sementes, data do empacotamento e a validade do produto; 4) Organização das prateleiras de armazenamento por ano de safra; 5) Participação como monitora na 9ª Feira de Troca de Sementes Crioulas da Rede; 6) Separação dos elementos, produtos e sementes para composição do estande da Rede SEMEAM na Feira de Negócios da Agricultura Familiar de Pernambuco (FENEAF); 7) Visita aos produtores de feijão da Associação Quintal Verde e do Sítio Riacho, que compõem o coletivo da Rede e fornecem o feijão crioulo para a comercialização.

Essas experiências enriqueceram minha perspectiva, uma vez que possibilitaram vivências práticas que auxiliaram no aprofundamento dos temas da agrobiodiversidade e sementes crioulas. Além disso, ajudaram a compreender a Agroecologia como um campo de conhecimento, de prática e de movimento que transforma a realidade das pessoas por meio de ações impulsionadas pelos movimentos sociais e de articulações em rede, que trabalham numa perspectiva social, política e organizacional, estreitando a relação entre agricultores, instituições de pesquisa e políticas públicas, e se esforçam para garantir a dignidade dos guardiões e guardiãs de sementes em seus territórios. Além disso, por meio da prática de seleção, armazenamento e organização das sementes, compreendi os processos técnicos necessários para assegurar a preservação desses recursos essenciais para a vida.

### 2.3 O CAMINHO TRANSPASSADO PELAS EXPERIÊNCIAS

A escolha pelos temas descritos neste tópico, se deu a partir das aulas de Agrobiodiversidade e sementes crioulas, realizadas no terceiro período, mas principalmente, através do contato com as experiências das imersões pelo estado de Pernambuco. A fotografia apresentada abaixo (Figura 3), fez parte de uma oficina realizada em uma das propriedades acompanhadas pelo Projeto Sementes da Mata (Proforext). A fotografia mostra o momento de colheita das sementes no corredor agroecológico de umas das agricultoras atendidas pelo Projeto.

**Figura 3** – Oficina de colheita e armazenamento de sementes no assentamento Chico Mendes I, em Tracunhaém - PE.



Fonte: Cedida por estudante da turma (2024).

### 2.3.1 Manejo e conservação da agrobiodiversidade

Ao conhecer o termo Agroecologia, eu não tinha consciência da sua relação com minhas raízes. Meu vínculo com o campo, a terra e a natureza esteve presente, tanto em parte da minha infância quanto em parte da minha adolescência. Meus avós maternos, agricultores, detinham conhecimento sobre a criação de animais, sobre a terra, o cultivo e o tempo certo para plantar e colher cada cultura e a consciência de guardar parte das sementes para o próximo plantio. Suas experiências e observações cotidianas eram repassadas para a minha mãe e para meus tios(as), que, por sua vez, transmitiram esse saber aos meus primos(as), que transferiram aos seus filhos(as).

A agricultura de base agroecológica busca nos conhecimentos tradicionais as estratégias de conservação e manejo da biodiversidade. Para isso, preocupa-se em aplicar princípios, conceitos e tecnologias no processo de transição de um modelo de agricultura intensiva, para um estilo de agricultura sustentável, tendo em vista uma transição que busca não apenas produzir ecologicamente, mas também a transformação das atitudes e valores dos atores sociais em relação ao manejo e conservação da agrobiodiversidade e dos recursos naturais.

A biodiversidade ou diversidade biológica refere-se a todas as formas de vida, desde os níveis de diversidade genética aos diferentes ecossistemas onde essas vidas se estabelecem (Boef *et al.*, 2006, p. 41). Quando se trata do conceito de biodiversidade, três variabilidades são destacadas: 1) diversidade de espécies; 2) diversidade genética; 3) diferentes ecossistemas e paisagens (Santilli, 2009).

Dentro desse conceito de biodiversidade, que engloba todas as formas de vida, a agrobiodiversidade pode ser entendida como uma parte importante da biodiversidade manejada pelo homem para fins agrícolas, ou seja, a agrobiodiversidade é a parte cultivada da biodiversidade nos ecossistemas ou paisagens (Santilli, 2009). Nesse sentido, as relações e interações que ocorrem entre as espécies cultivadas e manejadas pelo homem nos ecossistemas ou paisagens, formam os agroecossistemas moldados. Para Marzall (*apud* Santilli, 2009, p. 67).

Os agroecossistemas são áreas de paisagem natural transformadas pelo homem com fins de produzir alimento, fibras e outras matérias-primas. Uma das características dos agroecossistemas é a predominância de espécies de interesse humano e uma organização espacial que estrutura e facilita o trabalho de produção.

As estratégias de manejo da agrobiodiversidade estão relacionadas aos interesses das famílias camponesas, que selecionam e inserem espécies conforme seu conhecimento, sua cultura, as características do ambiente (condições edafoclimáticas), a disponibilidade de recursos naturais e financeiros e os objetivos que desejam alcançar (alimentação, segurança e soberania alimentar e valor nutricional de determinada espécie, produção de biomassa, fertilidade do solo, forragem, comercialização, etc), para sua subsistência. Todos esses aspectos influenciam na sustentabilidade do agroecossistema.

A produção sustentável em um agroecossistema deriva do equilíbrio entre plantas, solos, nutrientes, luz solar, umidade e outros organismos coexistentes. O agroecossistema é produtivo e saudável quando essas condições de crescimento ricas e equilibradas prevalecem, e quando as plantas permanecem resilientes de modo a tolerar estresses e adversidades (Altieri, 2008, p. 23-24).

Nas experiências que vivenciei durante a minha trajetória no curso, percebi a importância de agroecossistemas biodiversos, pois são mais produtivos, mais resilientes frente às adversidades, mais equilibrados, mais autônomos e sustentáveis do ponto vista ambiental, social, técnico-produtivo e econômico. Além disso, contribuem para o fortalecimento da agricultura familiar e a sua permanência no campo. Quando há uma maior diversidade de espécies cultivadas, evitam-se perdas totais, garante-se a soberania alimentar sobre o que se produz, reduzem-se custos com insumos externos, possibilita-se o beneficiamento da produção, agrega-se valor ao produto e gera-se renda.

Na perspectiva de garantir a existência e a manutenção da biodiversidade nos agroecossistemas familiares, algumas iniciativas podem ser consideradas e postas em prática, quando se busca por maior sustentabilidade, autonomia, segurança e soberania alimentar.

Nesse contexto, estratégias como sistemas agroflorestais (SAFs) ou agroflorestas e corredores agroecológicos, são caminhos viáveis e respostas a essas questões, desde que manejados com foco na diversidade de cultivos. Essas práticas não apenas fortalecem a resiliência dos sistemas produtivos, mas também oferecem resultados ecologicamente corretos, socialmente justos e economicamente viáveis, garantindo a convivência e permanência das famílias em seus territórios. Segundo Franco (2021, p. 84) “Em uma perspectiva agroecológica, os sistemas agroflorestais (SAFs) ou agroflorestas são formas de usos da terra que combinam a produção de culturas agrícolas e/ou animais com espécies florestais, simultaneamente ou em sequência, na mesma área”.

Para garantir maior diversidade e sustentabilidade nos sistemas produtivos, é essencial que os SAFs sejam manejados considerando, principalmente, a conservação e manutenção dos recursos naturais. Nesse tipo de sistema, é importante introduzir espécies que busquem e mantenham as características de uma floresta natural, num processo de sucessão natural e equilibrado. Assim, a inserção de espécies florestais nativas locais, consorciadas a outras espécies de interesse das famílias, é uma maneira de garantir a diversidade no sistema. De acordo com Franco (2021, p. 84) “um sistema agroflorestal toma o ecossistema local como referência para sua elaboração e manejo, observando a estrutura, a função e a dinâmica das espécies locais, buscando estabelecer um sistema análogo ao que ocorre na região, no sentido de imitar a natureza”. Silva e Sousa também ressaltam que:

O importante é observar a sucessão natural para fazer uma agricultura diferente que é a agrofloresta, direcionada para a diversificar o sistema de produção e aumentar a vida no ambiente. Outro princípio importante da agrofloresta é a sincronização do sistema, que consiste na realização das práticas agroflorestais no momento certo e no mesmo período. A sincronização faz com que as plantas se desenvolvam em conjunto, permitindo uma boa produção (2016, p. 13).

Na experiência de reflorestamento em Triunfo, vimos que o objetivo da família era recuperar a área degradada da sua propriedade e, para isso, utilizou-se de espécies nativas adaptadas às características do semiárido, como a umburana, o ingazeiro e o mulungu, mas também de espécies cuja finalidade era a alimentação da família, como o milho, a macaxeira e a fava.

Na minha primeira experiência de estágio (ESO I), em agosto de 2024, vivenciei momentos que foram desde a contribuição na organização do I Seminário Estadual de Agrobiodiversidade e I Feira Estadual de Sementes Crioulas, junto com a Associação de

Camponeses e Camponesas de Pernambuco (ACCAPE), até o conhecimento dos corredores agroecológicos implantados em assentamentos da reforma agrária no município de Tracunhaém-PE, os quais me ajudaram a compreender a importância da agrobiodiversidade nesse tipo de sistema de produção.

Nessa minha caminhada, conheci diferentes experiências de resistência em um contexto de monocultura de cana-de-açúcar, como as dos produtores agroecológicos associados à ASSIM, das Mulheres da Roça e das mulheres do Sítio Ághata que, inclusive, está inserido em um desses assentamentos em Tracunhaém.

Diante do cenário da monocultura da cana-de-açúcar, que cerca essas famílias assentadas, compreendi que a consolidação de processos de transição de sistemas convencionais para sistemas de produção que incorporem princípios, métodos e tecnologias agroecológicas é uma estratégia de convivência, garantia da permanência e da segurança e soberania alimentar das famílias.

Assim, os corredores agroecológicos são estratégias de produção que utilizam princípios agroecológicos e, em sua estrutura, organizam-se de maneira sequenciada, distribuídos em faixas intercaladas, combinando diferentes espécies, tanto para a alimentação quanto para a cobertura do solo. Esse tipo de sistema pode ser manejado conforme as premissas da produção de base agroecológica (Machado; Machado, 2015).

Os cultivos em corredores agroecológicos seguem a mesma linha dos SAFs, na perspectiva de produzir em consórcios diversificados para garantir e manter a biodiversidade nos sistemas. No entanto, diferenciam-se desse sistema porque não utilizam espécies florestais de maior porte, sendo possível adaptá-los a pequenas áreas, como ocorre nos quintais produtivos.

Nos corredores agroecológicos implantados nos assentamentos em Tracunhaém, as mulheres foram as responsáveis pela escolha das sementes e pelo manejo dos cultivos. Esse protagonismo não apenas visualizou e fortaleceu o trabalho delas dentro do núcleo familiar, mas também possibilitou a geração de renda e maior independência.

As espécies cultivadas foram selecionadas conforme seus interesses e múltiplas finalidades: produção de alimentos saudáveis, multiplicação de sementes por meio do melhoramento participativo, geração de renda, adubação do solo para garantir sua fertilidade e controle biológico do sistema. Um exemplo desse manejo agroecológico foi o uso do gergelim, que atraiu as formigas e impediu que chegassem ao feijão, contribuindo para o equilíbrio do sistema.

Foram introduzidas espécies como feijão-verde, milho, batata-doce, macaxeira, amendoim, feijão-de-porco, girassol, margaridão e gergelim, reforçando uma estratégia que integra a produção de alimentos, a recuperação do solo e conservação da biodiversidade local.

Esses corredores instalados fizeram parte do Projeto “Programa de Formação em ATER para Assentados/as da Reforma Agrária” e integraram a estratégia do Movimento Camponês Popular (MCP), com o intuito de ampliar a produção de sementes tradicionais em outros estados de atuação, incluindo Pernambuco.

Nesse contexto, os corredores agroecológicos foram alternativa de enfrentamento e resposta ao cenário da monocultura e têm contribuído tanto para a multiplicação de sementes para os próximos plantios quanto para a geração de renda e a segurança alimentar das famílias atendidas pelo Projeto.

Portanto, é importante reconhecer que a existência de agroecossistemas biodiversos depende diretamente da multiplicação e seleção de sementes crioulas com ampla diversidade genética. Com base nisso, aprofundo no próximo eixo, a discussão sobre a relevância das sementes na garantia da autonomia e na expansão da agrobiodiversidade nos agroecossistemas familiares, além dos caminhos e desafios para sua conservação, frente às ameaças representadas pelo agronegócio e pelas mudanças climáticas.

### **2.3.2 Sementes vegetais e processos de conservação**

A seleção, preservação e multiplicação de sementes sempre foram estratégias essenciais para a segurança alimentar e a sobrevivência das comunidades humanas.

Na América pré-colonial, a agricultura praticada pelos povos indígenas, especialmente na região amazônica, teve papel fundamental na domesticação de espécies como o milho e a mandioca (Paschoal, 2024).

No entanto, ao longo dos séculos, a contribuição dos povos africanos escravizados na introdução de diversas espécies vegetais tem sido frequentemente apagada. Pesquisas sobre o intercâmbio colombiano muitas vezes atribuem a chegada de novas culturas apenas aos europeus, ignorando que os africanos escravizados desempenharam um papel central na dispersão e adaptação de plantas alimentícias e medicinais no continente americano (Carney, 2023).

Segundo Carney (2023), esse movimento de disseminação estava diretamente ligado ao comércio transatlântico de escravizados, que trouxe espécies como melão, melancia, arroz africano, quiabo, dendê, algodão, pimenta malagueta, café e tamarindo, entre outras, fundamentais para a agricultura tropical e que, até hoje se destacam na agricultura intensiva.

Nos navios negreiros, as mulheres africanas frequentemente eram colocadas próximas às cozinhas e tinham acesso às sementes, que foram transportadas para as Américas de forma deliberada ou clandestina. Relatos orais de comunidades quilombolas no Brasil narram que mulheres escravizadas escondiam grãos de arroz em seus cabelos, garantindo a continuidade dessa cultura no continente americano (Carney, 2004 *apud* Carney, 2023).

Assim, os navios negreiros serviram como veículos para a dispersão de plantas africanas, e os alimentos trazidos pelos africanos escravizados foram fundamentais para a formação das dietas locais. No entanto, devido ao racismo estrutural, muitos desses alimentos foram inicialmente marginalizados como “comida de escravos”. Com o tempo, essa segregação culinária se dissipou, e diversos alimentos da diáspora africana passaram a integrar a alimentação de toda a população, tornando-se essenciais na culinária das Américas (Carney, 2023).

Em Pernambuco, pouco se tem memória escrita de como se deu a domesticação das sementes no território, mas dada a formação da população, não deve ter sido diferente do restante do Brasil, com a influência dos povos originários e dos povos escravizados e, posteriormente uma entrada e ocupação da destruição da Mata Atlântica e de sua substituição pelo monocultivo da cana-de-açúcar.

No Brasil, a dependência do mercado consumidor interno voltado para um pequeno número de variedades de feijão (carioca, preto e feijão-caupi), resulta na concentração da produção agrícola e dos circuitos de comercialização, caracterizados exclusivamente para a especialização produtiva, pelo pacote tecnológico e pelo latifúndio, pressionando a agricultura familiar a adaptar-se a esse modelo (Balensifer, 2019). Diante desse contexto, nos territórios em que atuei, especialmente em Garanhuns, a Rede SEMEAM (Rede de Sementes Crioulas do Agreste Meridional de Pernambuco), junto à diferentes atores governamentais e não governamentais (agricultores, técnicos, professores, entre outros), vêm apostando desde de 2015, nas redes sociotécnicas de aprendizagem para a atuação em redes territoriais no resgate, uso e conservação das sementes crioulas e da agrobiodiversidade no território do Agreste Meridional de Pernambuco (Balensifer, 2019).

A Rede Semeam tem como objetivo maior contribuir com as comunidades rurais e agricultores para o desenvolvimento de ações de resgate e manejo sustentável da agrobiodiversidade, estimulando a conservação e uso das diferentes espécies agrícolas e de variedades crioulas que existem há gerações na agricultura familiar. Fazem parte deste trabalho, entre outras coisas, os levantamentos, quantificação e registros de variedades e a multiplicação de materiais que são encontrados em pequenas quantidades, e que por isso se mostram mais vulneráveis ao desaparecimento (Balensifer *et al.*, 2019, p. 80).

A Rede surgiu com o intuito de promover ações e trabalhos de conscientização e mobilização social voltados a diminuição de perdas de cultivares crioulas adaptadas ao local, visto que a região passava por um período de estiagem e seca, e as famílias agricultoras sentiam dificuldade de produzir nesse contexto (Barros *et al.*, 2022).

O trabalho de resgate, conservação, uso e manejo da agrobiodiversidade ocorre por meio de iniciativas como: o seminário anual de sementes crioulas, envolvendo agricultores, assessores técnicos e público em geral, para o fortalecimento do diálogo, de estratégias e da articulação nos municípios onde a Rede atua; a feira de trocas de sementes crioulas, que acontece anualmente, com o apoio de instituições, movimentos sociais e outras iniciativas, promovendo o intercâmbio entre os guardiões e guardiãs de sementes e da agrobiodiversidade, a construção do conhecimento agroecológico e a contribuição para a diversificação dos agroecossistemas dos agricultores; bem como o serviço de assistência técnica e extensão rural pública governamental do Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA), que atua com pesquisas participativas junto aos agricultores. Uma dessas pesquisas resultou no levantamento de 42 variedades crioulas de feijão de arranca, 10 variedades de milho e 19 variedades de fava, que multiplicam-se através da realização de mutirões nas comunidades locais (Balensifer *et al.*, 2018 *apud* Barros *et al.*, 2022).

A partir dessas iniciativas e com o apoio do IPA, a Rede tem conseguido fortalecer os bancos familiares e comunitários de sementes em comunidades rurais de diversos municípios ao Agreste Meridional de Pernambuco, como Águas Belas, Angelim, Calçadas, Canhotinho, Caetés, Garanhuns, Jucati, Jupi e São João. São exemplos dessas iniciativas, atividades como o empacotamento artesanal e comercialização do feijão crioulo agroecológico diretamente ao consumidor, os trabalhos coletivos e a geração de renda para as famílias guardiãs, por meio de experiências como a comercialização de grãos para consumo e de sementes para o plantio das variedades. A Rede realizou a venda de cerca de uma tonelada de sementes para o Centro Sabiá, destinadas ao abastecimento de casas de sementes do Agreste Central e Setentrional, e a venda de garrafas com diferentes variedades catalogadas para a Cooperativa de Trabalho Agrícola, Assistência Técnica e Serviços (Cooates) em Barreiros, na Mata Sul de Pernambuco (Barros *et al.*, 2022). Ainda vale mencionar a produção e comercialização, por parte da Rede SEMEAM, de 2,2 toneladas de variedades crioulas de feijão e milho para que a Prefeitura Municipal de Garanhuns realizasse a distribuição de sementes crioulas em comunidades rurais deste município no ano de 2024.

Dessa maneira, o apoio da Rede a ações como essas têm fortalecido os agricultores familiares da região, incentivando o trabalho da conservação e da produção das sementes com protagonismo e autonomia.

Outra experiência que pude vivenciar foi com o Movimento Camponês Popular (MCP), criado em 2008, no Estado de Goiás, com representatividade e atuação distribuídas em cinco estados brasileiros, incluindo Pernambuco, onde o movimento foi instituído em 2017 e atua em diferentes regiões do estado (MCP, 2022).

A intensificação do agronegócio vem modificando, ao longo do tempo, os sistemas alimentares brasileiros, e a lógica da produtividade transforma o alimento em mercadoria. Esse modelo de produção tem como base extensas áreas de plantio de monocultivos, o domínio das empresas transnacionais e o uso intensivo do solo e dos agrotóxicos, resultando em desequilíbrios tanto naturais (biomas fragilizados, solo e água contaminados, aumento de pragas nas lavouras) quanto na descaracterização da comida. Mesmo diante das ameaças desse sistema à saúde humana, a comida é percebida em certos contextos como “segura, adequada e saudável”, uma vez que a principal finalidade desse sistema agressivo é a geração de lucro. Com isso, as pessoas, a natureza e a comida tornam-se mercadorias (Fróes *et al.*, 2018). Santilli (2009, p. 102) ressalta que:

A agrobiodiversidade é essencial à segurança alimentar e nutricional, que consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis.

Em oposição ao modelo intensivo e ameaçador da vida, e na perspectiva de garantir o direito de todos ao acesso à alimentação de qualidade, surgem os movimentos sociais elencando a disponibilidade e o acesso ao alimento de verdade (Fróes *et al.*, 2018). De acordo com Fróes *et al.* (2018) “Considera-se como comida o alimento que representa a cultura, a sociedade, a história e o afeto de um povo” (p. 129).

Dessa forma, o MCP vem trabalhando em torno do fortalecimento e organização de camponeses e camponesas para a construção de sistemas de produção sustentáveis e autônomos, que gerem alimentos saudáveis e garantam a soberania alimentar. Para esse propósito, uma de suas ações é trabalhar na conservação da agrobiodiversidade, no resgate e multiplicação das sementes crioulas, a partir de variedades locais e de variedades produzidas pelo MCP nos estados onde atua (Caetano *et al.*, 2020).

Sendo assim, o movimento tem realizado ao longo dos anos, o resgate, produção, a multiplicação e a distribuição de sementes de variedades, um trabalho iniciado em 2008, em

comunidades camponesas do estado de Goiás (MCP, 2021). A produção de sementes é uma estratégia para construir a autonomia camponesa. Assim, desde então, ações como esta vêm sendo replicadas em outros estados, inclusive em Pernambuco, como a distribuição de sementes realizada pelo MCP para a implantação dos corredores agroecológicos em Tracunhaém-PE, no sentido de promover a produção de alimentos saudáveis e garantir a soberania alimentar.

Outra ação do MCP é a realização de seminários, que acontecem a cada dois anos, em defesa das sementes crioulas e da agrobiodiversidade, encontros promovidos em nível estadual e nacional. Esses encontros, promovidos em nível estadual e nacional, reúnem camponeses e camponesas, povos indígenas e quilombolas de diferentes territórios brasileiros, integrando a esses eventos as feiras de troca de sementes e o intercâmbio de conhecimento acerca da agrobiodiversidade e as variedades de sementes crioulas. Segundo o site do movimento, esses eventos têm como objetivo “fortalecer e divulgar o trabalho com as sementes crioulas realizado pelos movimentos camponeses” (MCP, 2023).

É importante ressaltar o papel da militância, da organização e da educação popular do MCP no reconhecimento e na garantia de direitos em prol da preservação da agrobiodiversidade, das sementes, da soberania alimentar e da dignidade dos camponeses e camponesas.

### 3 CONCLUSÃO

Quem é você como agroecóloga-educadora hoje? Para responder a essa pergunta, prefiro começar dizendo quem eu era antes de conhecer a Agroecologia e de passar esses quatro anos dedicando meu tempo ao curso. Quando cheguei ao Bacharelado em Agroecologia, me vi diante de muitos desafios. O primeiro deles era compartilhado globalmente, a pandemia da COVID-19 e o isolamento social. O segundo foi lidar com uma metodologia de ensino distante daquilo que vivenciei anteriormente. O terceiro desafio foi enfrentar minhas dificuldades com a leitura, a escrita e a reflexão – aspectos que acompanharam até a construção deste memorial. No entanto, ao revisitar meus relatórios anteriores, já nessa reta final, percebi o quanto melhorei nesses aspectos, e como é importante reconhecer nossos avanços, mesmo que nos pareçam pequenos. Algo que também me acompanhou neste percurso foi a timidez e a insegurança – essas, muitas vezes me impediram de falar o que pensava sobre determinado assunto, o que tinha entendido ou não, por pensar que estava errada, ou que já deveria saber.

Nesse meu processo de escrita do memorial, tive acesso a textos de Paulo Freire, e me perguntei: por que não os li desde o início? Paulo Freire me mostrou através de suas reflexões sobre a relação entre educador-educando, que “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes” (Freire, 2002, p. 63). Esse é um pensamento que preciso constantemente reafirmar, pois é libertador e transformador, exigindo prática diária nas nossas relações e na sociedade.

Diante de todos esses desafios, por diversas vezes pensei em desistir. Esse sentimento me acompanhou até o 4º período. Então eu pensei: já cheguei até aqui, agora eu vou até o fim. No entanto, em 2023, essa dúvida voltou com ainda mais força. Pensei em parar porque me vi sem forças para continuar depois de perder meu melhor amigo, meu confidente, companheiro e namorado – a pessoa que esteve ao meu lado e me ajudou a chegar até aqui. Por isso, este memorial não é apenas um registro da minha trajetória no espaço da academia; ele simboliza um ciclo de resistência, de força e coragem, porque fui resiliente e resistente! Ele fala muito mais sobre mim, sobre o meu processo, do que simplesmente sobre um título de graduação.

Nesse processo de construção do conhecimento mútuo, pude me reconhecer enquanto parte de um coletivo, aprender e partilhar na medida do meu possível, de lidar com os desafios e aprender com as oportunidades, de crescer como pessoa entre pessoas e nos seus acolhimentos.

Eu sou hoje um pouquinho de cada um e cada uma que transpassou essa caminhada. Levo na sola dos meus pés os solos de cada território que eu pisei, os saberes expressados e partilhados em palavras, mas também através dos olhares, dos gestos, do produzir e preparar

os alimentos. Levo os momentos de acolhida na chegada, e na saída, os abraços de despedida marcados por um pedido: “não deixem de vir aqui”, ou um agradecimento dito assim: “é sempre bom receber gente como vocês aqui”. Também carrego as denúncias observadas na ausência de políticas públicas e num modelo de agricultura ameaçador da vida, que somente visa o lucro. Mas também carrego os anúncios, ao observar os avanços da Agroecologia nos territórios conquistados por meio das mobilizações sociais.

Levo para a minha vida, experiências que me fizeram compreender que a Agroecologia é muito mais do que a substituição de insumos, plantar sem veneno ou um modelo de produção orgânica apenas, ela é uma ciência que se movimenta no tempo e nos espaços, que não caminha sozinha, que integra seus princípios aos saberes dos povos e comunidades tradicionais, construídos por gerações – valoriza esses saberes, suas culturas, seus modos de vida e de produção, e busca por meio de sua interdisciplinaridade e complexidade, estabelecer bases sustentáveis e transformar a realidade e a vida das pessoas para o BEM VIVER em seu sentido amplo.

Ao longo desse percurso, as diversas experiências reafirmaram também que a Agroecologia é a alternativa necessária diante dos sistemas de produção que destroem natureza e a biodiversidade, anulam saberes e ameaçam a identidade dos povos tradicionais e camponeses e camponesas, que lutam pela conservação da agrobiodiversidade nos seus sistemas de produção, pela continuidade de seus costumes e valores e pela sua dignidade em seus territórios.

Mas essa trajetória não se encerra aqui. O fechamento deste ciclo acadêmico não representa um ponto final, mas a abertura de novos caminhos. Como nos lembra Paulo Freire, o ser humano é “um ser inconcluso, consciente de sua inconclusão e em permanente busca do ser mais”. Assim, levo adiante os conhecimentos construídos, sabendo que não estou completa, mas em constante transformação. Minha caminhada como agroecóloga-educadora continua, sempre em busca de aprender, partilhar e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e sustentável.

## REFERÊNCIAS

- ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- BALENSIFER, P. H. M.; MEDEIROS, W. G.; LIMA, I. S. Redes territoriais de sementes crioulas: um novo olhar dos serviços de assistência técnica e extensão rural (Ater) em Pernambuco. **Brazilian Journal of Agroecology and Sustainability**, v. 1, p. 1-22, 2019. DOI: <https://doi.org/10.52719/bjas.v0i0.2240>. Disponível em: <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/BJAS/article/view/2240>. Acesso em: 23 fev. 2025.
- BALENSIFER, P. H. DE M. **Mercados para variedades de feijão da agricultura familiar: conservação da agrobiodiversidade ou caminhos para a especialização produtiva?**. Dissertação (Mestrado). Recife, UFRPE, 28 jun. 2019.
- CABRAL DE MELO NETO, J. **Morte e vida severina: auto de Natal pernambucano**. 45. ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2022.
- CAVALCANTE DE BARROS, R.; HENRIQUE DE MEDEIROS BALENSIFER, P.; DE OLIVEIRA SOUZA, N. L. **Rede de Sementes Crioulas do Agreste Meridional de Pernambuco - Rede SEMEAM: História Trajetória e Atuação**. *Brazilian Journal of Agroecology and Sustainability*, v. 4, n. 2, 2022. <https://doi.org/10.52719/bjas.v4i2.5387>.
- CARNEY, J. Sementes da Memória: Legados Botânicos da Diáspora Africana. Tradução de Angela Steward. **Epistemologias do Sul**, v. 7, n. 1, 2023.
- CENTRO SABIÁ. **Reuso de água cinza em sistemas agroflorestais no semiárido, Caatinga**. Recife, 2021.
- DE BOEF, W. S.; THIJSSSEN, M.; KES, M.; WELBOOM, R. **Biodiversidade e agricultores: fortalecendo o manejo comunitário**. São Paulo: Nupagri, 2006.
- DIAS, A. Pe. et al. (Org.). **Dicionário de agroecologia e educação**. 1. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: EPSJV-Fiocruz; Expressão Popular, 2021. Disponível em: <https://epsjv.fiocruz.br>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- EXPÓSITO VERDEJO, M. **Diagnóstico rural participativo: um guia prático**. Santo Domingo: Centro Cultural Poveda, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 79. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- FREIRE, P. **Peregrinações: os Garros, letos em Ijuí** – p.63, Valentim Garros – 2002.
- FRÓES, E. S.; PORTO, M. V.; FURTADO, A.; OLIVEIRA, I. G. Representações sociais do comer entre agricultores do Movimento Camponês Popular. **Vita et Sanitas**, v. 12, n. 2, p. 128-138, 2018.
- GUIMARÃES, C. L.; BARBOSA, N. A. **Camaragibe das minhas memórias: história oral de Araçá**. Camaragibe: Editora IGP, 2018. 104 p., il.; 21 cm.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Várzea – RN**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/varzea/panorama>. Acesso em: 30 dez. 2024.

IVANAUSKAS, N. M. A importância da flora regional para o sucesso da restauração florestal. In: MORI, E. S.; PIÑA-RODRIGUES, F. C. M.; FREITAS, N. P. **Sementes florestais Guia para germinação de 100 espécies nativas**. 1ª edição. 2012. Instituto Refloreta. São Paulo, SP. Pags. 15-28.

MCP BRASIL. **Celebrando a agrobiodiversidade e fortalecendo a soberania alimentar: Feira camponesa e seminário ES**. Movimento de Camponeses e Camponesas do Brasil, 2025. Disponível em: <https://www.mcpbrasil.org/post/celebrando-a-agrobiodiversidade-e-fortalecendo-a-soberania-alimentar-feira-camponesa-e-semin%C3%A1rio-es>. Acesso em: 20 fev. 2025.

MICCOLIS, A.; PENEIREIRO, F. M.; MARQUES, H. R.; VIEIRA, D. L. M.; ARCO-VERDE, M. F.; HOFFMANN, M. R.; REHDER, T.; PEREIRA, A. V. B. **Restauração Ecológica com Sistemas Agroflorestais: como conciliar conservação com produção. Opções para Cerrado e Caatinga**. Brasília: Instituto Sociedade, População e Natureza – ISPN/Centro Internacional de Pesquisa Agroflorestal – ICRAF, 2016. 266 p.: il.: color. ISBN: 978-85-63288-18-9

MACHADO, A. T.; MACHADO, C. T. de T. Agrobiodiversidade e corredores agroecológicos. In: SANTILLI, J.; BUSTAMANTE, P. G.; BARBIERI, R. L. (org.). **Agrobiodiversidade**. 1. ed. Brasília, DF: Embrapa; ABA, 2015. p. 103–124. (Coleção Transição Agroecológica).

NETO, A. S. P.; SANTOS, M. H. L. C.; PACHECO, C. S. G. R.; SANTOS, J. M.; BOMFIM, L. S. V. A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA JUREMA NA COMPREENSÃO DA HISTÓRIA E DA CULTURA BRASILEIRA: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DA OBRA “JUREMA” DE RODRIGO GRÜNEWALD. **Direito, Meio Ambiente e Ecologia Humana: contribuições para a sustentabilidade socioambiental** - ISBN 978-65-5360-316-5 - Vol. 1 - 2023 - Editora Científica Digital.

OLIVEIRA, T. F. G. M.de. **Projetos Encontros de Saberes nas Universidades: uma leitura sociológica do diálogo entre distintas epistemologias**. 2017. 169f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/47382>. Acesso em: 10 jan. 2025.

PASCHOAL, A. D. **História da agricultura: cinco séculos de agricultura no Brasil**. Piracicaba, SP: Fealq, 2024.

SANTILLI, J. **Agrobiodiversidade e direitos dos agricultores**. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2009.

SANTOS, A. de J.; SANTOS, E. A importância do estudo da jurema na compreensão da história e da cultura brasileira: uma discussão a partir da obra “Jurema” de Rodrigo Grunewald. In: OLIVEIRA, J. R. de; SANTOS, E.; SANTOS, A. de J. (Org.). **Ecologia humana: diálogos interdisciplinares**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2021. p. 15-24. Disponível em: <https://editoracientifica.com.br>.

SILVA, A. B. da. **Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

SILVA, A. F.; SOUSA, J. E. **Agricultura agroflorestal ou agrofloresta**. 3. ed. Recife: Centro Sabiá, 2016. 28 p.: il. ISBN 978-85-92913-01-4. Disponível em: <https://bibliotecasemiarios.ufv.br/xmlui/handle/123456789/410>. Acesso em: 14 fev. 2025.

UFRPE. **Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Agroecologia**. Recife, 2023.

UFRPE, Coordenação do curso de Bacharelado em Agroecologia. Mensagem recebida por: [coordenacao.bacep@ufrpe.br](mailto:coordenacao.bacep@ufrpe.br) em 25 ago. 2021. Acesso em: 12 jan. 2025.

## APÊNDICE A – FOTOGRAFIAS

**Figura 4** – Atividades de estágio (ESO I), em Recife: A) equipe de credenciamento no I Seminário Estadual de Agrobiodiversidade, em Recife-PE; B) levantamento das variedades de sementes na I Feira Estadual de Troca de Sementes Crioulas do evento.



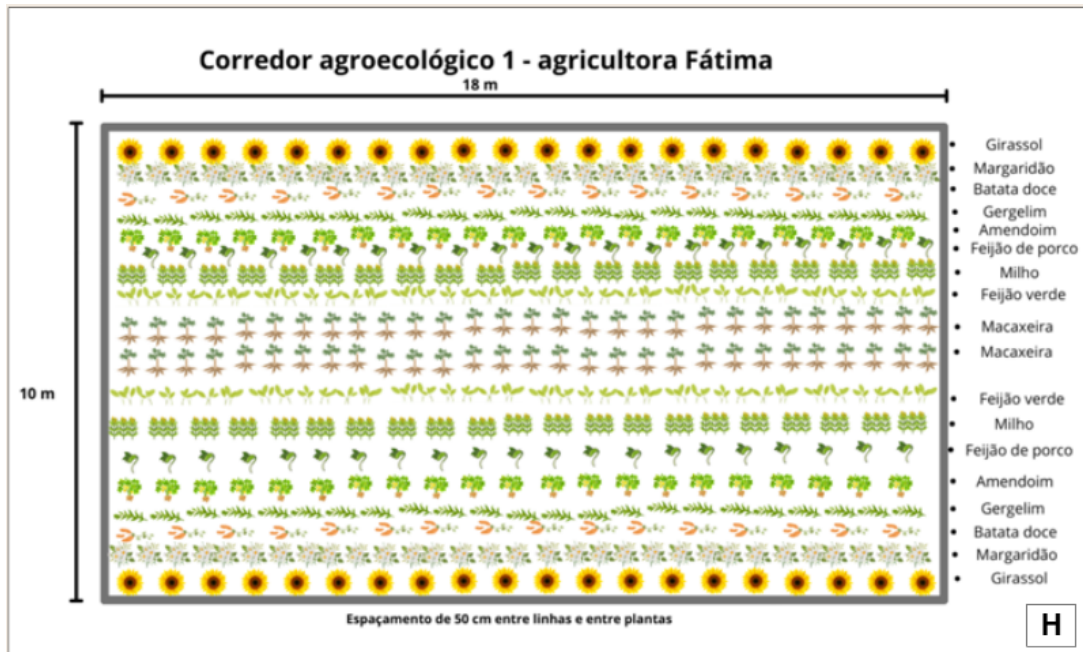
Fonte: Cedida por Wallisson Rodríguez (2023).

**Figura 5** – Atividades de estágio (ESO II), em Garanhuns: C) seleção de sementes de milho; D) peneiramento e armazenamento de sementes de feijão; E) participação como monitora na Feira de Trocas de Sementes da Rede; F) visita aos produtores de feijão da Associação Quintal Verde; G) visita aos produtores de feijão do Sítio Riacho, município São João - PE.



Fonte: Letras C e D, autoria própria; letra E, cedida por Rafaela Barros (Rede SEMEAM); letras F e G, cedida por Pedro Balensifer (Rede SEMEAM) (2024).

**Figura 6** – Croqui do corredor agroecológico implantado no Sítio Girassol, assentamento Nova Canaã, em Tracunhaém - PE.



Fonte: Cedida pela equipe Sementes da Mata (2024).

**Figura 7** – Apresentação das culminâncias, na UFRPE: I) terceiro período; J) quinto período; L) sexto período; M) sétimo período; N) oitavo período.



Fonte: Cedidas por estudantes da turma (2025).

**Figura 8** – Experiências das imersões do 3º ao 8º período: N) diálogo com o agricultor em sua residência; O) o grupo reunido no túnel de umburanas no agroecossistema do agricultor, Triunfo-PE; P) prática de silagem no agroecossistema do colega de turma, Glória do Goitá-PE; Q) reunião de planejamento para implantação do SAF, Surubim-PE; R) prática de implantação do SAF, Vertente do Lério-PE; S) Seminário Nacional de Sementes Crioulas do MCP, UFPE; T) visita à uma das experiências da imersão na Região Metropolitana do Recife-Igarassu-PE; U) uso de metodologia participativa no quilombo Riacho de Pedra, Passira-PE.



**Fonte:** Letras N e O, cedidas por estudantes da turma (2022); letra P, autoria própria (2023); letra Q, cedida por Thiago Carvalho (2023); letra R, cedida por Jovens Agroflorestores (2023); letra S, cedida pela equipe de comunicação do MCP/Brasil (2023); letra T, autoria própria (2024); letra U, cedida por estudante da turma (2024).